

anamórfica

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO (DAC)
CURSO DE BACHARELADO EM IMAGEM E SOM

ANAMÓRFICA

Orientadora: Eliane Coster

Roteiro: Beatriz Ximenez

Direção: Marina Deliperi e Thais Siqueira

Produção: Murilo Morais Oliveira*

Direção de Fotografia: Marina Deliperi e Thais Siqueira

Direção de Arte: Beatriz Ximenez

Direção de Som: Milena Tinen

Montagem: Gabrielly Pascoal

*membro não oficial

SÃO CARLOS

2021

Sumário

Apresentação	3
Dados Técnicos	3
Equipe Técnica	3
Sinopse	4
Argumento	4
Proposta conceitual e estética	5
Decupagem	17
Cronograma	17
Custos	17
Descrição das Atividades	20
Plano de distribuição	38
Análise Técnica	40
Roteiro	42
Texto da Narração	43
Narrativa Visual	47
Filmografia	54
Bibliografia	56
Anexo	58

1. Apresentação

A ideia inicial não era de uma história, mas a vontade de expressar uma sensação e um estilo poético por meio de fotos e vídeo. O grupo se formou por um sentimento pessimista compartilhado com relação ao tempo em que vivemos, tanto no mundo quanto em nossas vidas. Todas nós, Bia, Gaby, Marina, Milena e Thais, discutimos sobre o fim da faculdade, a incerteza do futuro profissional e do país e nossas ideias do que está por vir. Colocamos palavras no papel e nossa roteirista condensou esse turbilhão de emoções e histórias em uma única personagem. Daí surgiu a narração que guia o filme.

Assim como nós, a protagonista está procurando seu lugar no mundo, lidando com as cobranças do mercado de trabalho e com as desilusões do que poderia ter sido. Não é uma história finalizada, está em constante mudança. A única coisa que permanece é a busca por reconhecer seu olhar no espelho.

2. Dados técnicos

Gênero: Drama

Técnica: *Live-action*; Fotofilme com imagem em movimento

Formato: Curta-metragem

Suporte de Captação: Digital Full HD

3. Equipe técnica

Membros oficiais

Roteiro: Beatriz Ximenez

Direção: Marina Deliperi e Thais Siqueira

Direção de Fotografia: Marina Deliperi e Thais Siqueira

Direção de Arte: Beatriz Ximenez

Direção de Som: Milena Tinen

Montagem: Gabrielly Pascoal

Membro não oficial

Produção: Murilo Morais Oliveira

4. Sinopse

Uma jovem mulher reflete sobre seu presente e os caminhos que tomou para chegar onde está, ao passo que lida com os desafios da vida adulta. Nessa busca por realização pessoal, ela acumula inspirações enquanto revisita aspectos de sua jornada.

5. Argumento

Estamos em tempos de pandemia do coronavírus, os empregos estão escassos e o governo não está interessado na cultura e muito menos na educação. É nesse contexto que nossa protagonista luta para se manter estável mental, espiritual e financeiramente.

Dara tem 24 anos, mora no interior de São Paulo e trabalha como fotógrafa de catálogo. Ela costumava ter sonhos de fotografar imagens bonitas e poderosas, que fizessem as pessoas sentirem e que, ao mesmo tempo, comunicassem algo. Imagens de manifesto. O filme é permeado por uma narração em off, que reflete sobre a vinda para São Carlos para estudar Imagem e Som, a estadia, os relacionamentos, as lutas internas para se encontrar na área e para achar empregos. As incertezas desse momento em que um ciclo acaba e outro começa. Ela discorre sobre o que significa ser uma mulher produzindo filmes nos dias atuais. Sobre o que falarão esses filmes? Para quem?

Acompanhamos sua rotina, seu acordar, seus devaneios, suas lembranças. É conversando com sua memória que ela encontra inspiração para seus ensaios fotográficos. Áudios de notícias e fotos borradas da cidade são o que a esperam no exterior da sua casa.

Em devido momento, Dara liga uma projeção em sua parede com diversas referências de filmes e ilustrações e se cerca delas. O violino da trilha invade o espaço e complementa o caráter onírico da experiência. Por fim, ela não tem mais respostas do que tinha quando começou, mas de alguma forma parece ter amadurecido no processo.

6. Proposta conceitual e estética

Inicialmente, um dos pontos principais da estética do nosso filme seria a mesclagem de planos em colorido e preto e branco, mas com as mudanças estruturais e com os grandes cortes de cenas e planos, não foi tão possível manter essa ideia, além de que gostamos muito da cor presente nas filmagens, ficaram amenas em alguns momentos e potentes em outros, transpassando exatamente o que queríamos em cada cena. Havíamos definido, também, que a maior parte dos planos seriam filmados com gimbal, na intenção de uma estética mais orgânica e fluida. Porém, no decorrer das diárias de filmagem, notamos que não seria tão viável por dois motivos: primeiro, o tempo era curto e estabilizar o gimbal algumas vezes durante o set levava um tempo, e segundo, a Thais estava operando a câmera sozinha, o que acabava sendo muito cansativo durante todo o set. Mesmo com a utilização um pouco menos frequente do que o planejado, o *mood* desejado se manteve. Além disso, a ideia de em alguns momentos mais intimistas usar “foco perdido” funcionou, principalmente quando a câmera estava mais instável e registrando planos mais fechados da personagem ou planos contemplativos. Na proposta anterior queríamos explorar a dualidade entre momentos poéticos e a rotina da personagem, porém, tivemos a necessidade de diminuir um pouco o tempo de tela das imagens poéticas no decorrer da pós-produção. Mesmo assim, conseguimos manter esses momentos pontuais previstos. Para criar as cenas realistas, nossa referência foi o videoclipe “*Algum Ritmo*”, dos artistas Jovem Dionisio e Gilsons (*Felipe Fonseca, 2021*)¹.

¹ videoclipe da música *Algum Ritmo* - Gilson e Jovem Dionisio. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13QBO1SRAZfhwHaWsL419P59J0G7RgHTF/view?usp=sharing>



[imagem 1: referência para imagens contemplativas]²



[imagem 2: inspiração para imagens de rotina]³

Em se tratando especificamente das partes em que a narrativa apresenta um flerte entre o concreto e o poético, tínhamos previsto utilizar dupla exposição de imagens do ambiente externo, porém durante a montagem percebemos que poderia ficar muita informação e preferimos focar no externo trazido através das imagens de arquivo que aparecem com a moldura em *Super 8*. Como a partir do segundo corte abrimos mão da narrativa visual mais linear prevista anteriormente, deixando a história do concurso de fotos mais sutil em detrimento de uma leitura mais simples do filme, a ideia por trás das fotos de arquivo mudou e recebeu mais peso. Ao invés de trazer algo mais performático em todas elas, trouxemos uma camada mais realista, que conta um pouco da vida da personagem. Assim, as fotos poéticas entraram de forma pontual, marcando momentos íntimos do tempo presente,

² frame retirado do videoclipe *Algun Ritmo*. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13QBO1SRAZfhwHaWsL419P59J0G7RgHTF/view?usp=sharing>

³ frame retirado do videoclipe *Algun Ritmo*.

mantendo a proposta de trazer imagens mais táteis, do corpo e da pele, enquanto as imagens caseiras pontuaram o passado e as memórias.

Referências coletadas:

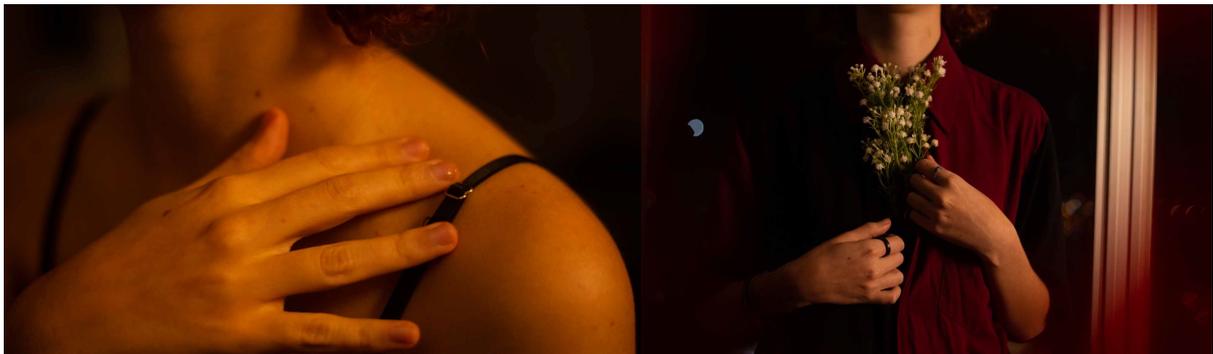


[imagem 3: referência para detalhe do corpo]



[imagem 4: referência para detalhe do corpo]⁴

Resultado no filme:



[imagem 5: frame do curta inspirado na imagem 3]



[imagem 6: frame inspirado na imagem 4]

⁴ imagens 3 e 4 realizadas pela fotógrafa Heloisa Vecchio.

Referências:



[imagem 7: referência para fotografia poética]



[imagem 8: referência para fotografia poética]⁵

Resultado:



[imagem 9: frame inspirado na imagem 7]



[imagem 10: frame inspirado na imagem 8]

No aspecto técnico, a composição da atmosfera das fotos *still* seguiu em diversos momentos a proposta de experiências com o obturador, utilizando o efeito *blur*, referenciando pinturas impressionistas e filmes como “*Vinil Verde*” (Kleber Mendonça Filho, 2004) e “*Amores Expressos*” (Wong Kar-Wai, 1996). Além de utilizar esse recurso para as imagens poéticas, resolvemos seguir o mesmo estilo

⁵ imagens 7 e 8 realizadas pelo fotógrafo Nirav Patel.

para as fotos caseiras e do cotidiano, buscando imagens borradas e fora de foco, dando a ideia de que a vida está sempre em movimento.

Referências coletadas:



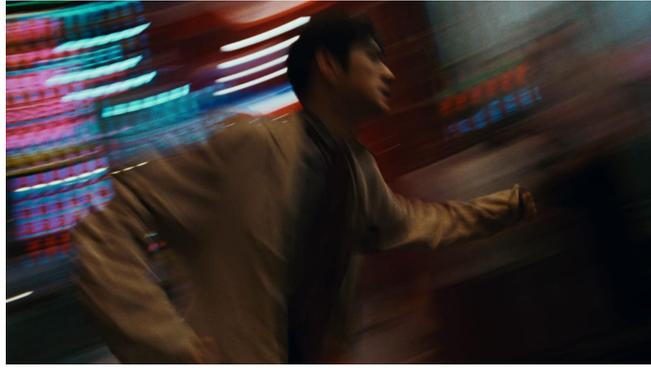
[imagem 11: referência de intervenção fotográfica]⁶



[imagem 12: exemplo do efeito *blur*]⁷

⁶ imagem realizada pelo fotógrafo Nirav Patel.

⁷ frame retirado do filme *Vinil Verde*, Kleber Mendonça Filho, 2004.



[imagem 13: exemplo do efeito *blur*]⁸

Resultado no curta:



[imagem 14: fotografia *still* com efeito *blur*, dando a ideia de deslocamento da personagem]

Outro recurso que pretendíamos utilizar foi inspirado no curta “*Ulysse*” (Agnès Varda, 1982)⁹ e no longa “*Happy Together*” (Wong Kar-Wai, 1998). Ambos possuem o recurso de congelamento do frame de um vídeo para realizar um comentário para o espectador e, no caso de “*Happy Together*”, marcar a emoção do personagem naquele instante. A ideia funcionou bem na montagem, embora a tenhamos utilizado menos do que gostaríamos inicialmente, visto que o filme foi tomando outros caminhos. Além disso, preservamos a proposta de alterar a velocidade da imagem em cenas como a da máquina de lavar, em que o movimento foi gravado normal e na pós-produção a velocidade foi diminuída, dando um efeito irreal e irônico para a sequência. As referências utilizadas para tal sequência foram os filmes do Wong Kar-Wai, que pontuam momentos de suspensão da narrativa dos personagens

⁸ frame retirado do filme Amores Expressos, *Wong Kar-Wai*, 1996.

⁹ efeito de congelamento (minutagem: 16:13), no curta *Ulysse*, Agnès Varda, 1982. Disponível em: <https://vimeo.com/402336189>

através da manipulação das imagens em conjunto com a música, como as sequências em velocidade alterada encontrada em diversos filmes dele, por exemplo “*In the mood for love*” (Wong Kar-wai, 2000) e no próprio “*Happy Together*”.



[imagem 15: frame da cena de “*In the mood for love*” que usa velocidade alterada]

Embora o estilo do diretor tenha trazido inspiração para a composição da cena como um todo, a trilha musical foi pensada para ser uma música concreta. Nesse caso, a trilha se contrapõe ao estilo de *Wong Kar-Wai*, que utiliza músicas completamente melódicas e dramáticas como pano de fundo, e recebe uma nova camada, encontrando inspiração na música “*I’ve seen it all*” (*Björk*), trilha musical do filme “*Dançando no escuro*” (*Lars von Trier*, 2000), que tem início com um som ritmado de trem ditando uma melodia diferenciada¹⁰. Escolhemos essa referência e mandamos para o Henrique Napolitano, que utilizou ruídos da própria máquina para criar a estrutura musical. A intenção aqui foi criar um clima de vazio, exprimindo os sentimentos de Dara no momento da sequência.

Para a criação desse universo de sentimentos é importante destacar que o processo de construção da personagem passou pelas características da própria atriz, como explicado no tópico de descrição das atividades. Queríamos iniciar o curta com um olhar de busca para si mesma e que aos poucos vai recolhendo inspirações do mundo externo. A sequência do projetor é crucial nesse sentido, ela assiste a outras obras de realizadoras para se moldar. Aqui é importante pontuar que o vídeo da projeção foi sofrendo mutações ao longo do projeto. Anteriormente seria somente vídeos de artistas produzindo conteúdos, porém tivemos a ideia de adicionar trechos das obras e também recolher ilustrações criadas por mulheres que

¹⁰ Cena com a música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=N8FJyhnC2Eo>

admiramos, iniciantes no ramo da arte, aproveitando para divulgar outros trabalhos através do nosso curta.

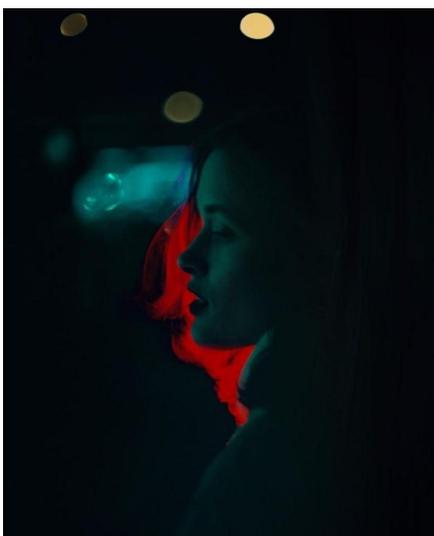
Um outro aspecto importante do filme são as referências da personagem no mural e na cena do projetor, que carrega diversas referências que a própria equipe acumulou consigo durante a vida. Há imagens de filmes, cantoras, diretoras de cinema, livros, entre outras fontes de inspiração para o curta.

No que diz respeito a iluminação, o intuito era que fosse mais sóbria para os momentos do cotidiano, reforçando a atmosfera mais realista. Assim, utilizamos predominantemente luz natural nas cenas de dia, tanto em externas quanto nas internas localizadas na sala e cozinha, mas moldando-a para não ficar sem profundidade. E quando necessário, utilizamos softbox e led para preenchimento. Na iluminação de fim de tarde, também utilizamos softbox além da luz natural, será em tungstênio (amarela).

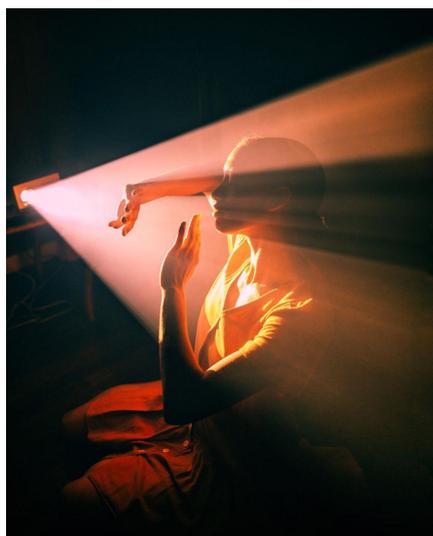
Nas cenas gravadas à noite, utilizamos diversos equipamentos de iluminação artificial, como LEDs, softbox e lanterna chinesa. Aqui a ideia da iluminação foi ser mais intimista e acolhedora, na sua maioria feita em tungstênio.

Já nos momentos poéticos, a ideia foi chamar atenção para a iluminação, criando uma atmosfera irrealista e artística, com maior diversidade criativa e explorando um aspecto mais contrastado, com cores fortes. Um exemplo de sequência poética é a do projetor, que serviu como única fonte de iluminação da personagem, criando um foco de luz em contraste com a penumbra ao redor dela.

Referências coletadas:

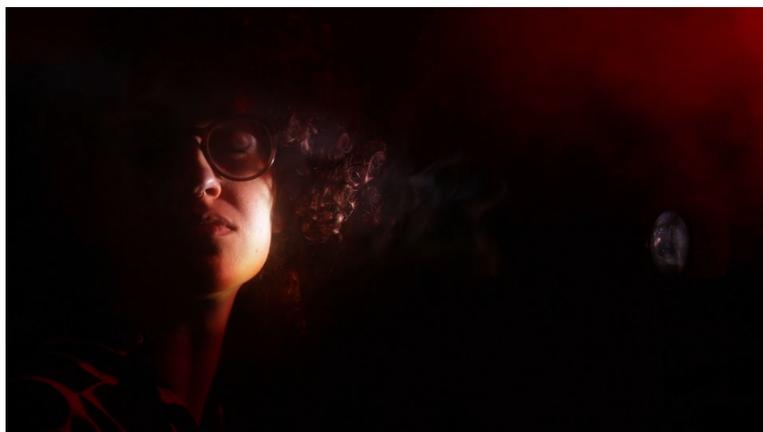


[imagem 16: ref. para luz de contorno]¹¹



[imagem 17: ref. iluminação com projetor]¹²

Resultado:



[imagem 18: frame do curta inspirado nas fotografias 16 e 17]

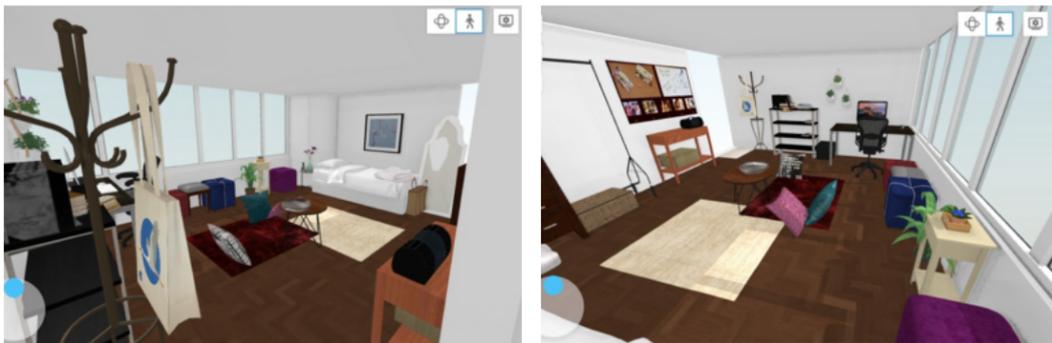
Em relação à direção de arte, pretendíamos passar um caráter bastante intimista, com o figurino sendo em sua maioria pijamas ou roupas de ficar em casa da própria atriz, em que ela se sentisse confortável. O oposto aconteceria quando ela sai de casa para trabalhar, roupas mais sóbrias e formais. A exceção sendo o momento do autorretrato, em que estaria mais produzida.

¹¹ imagem realizada pela fotógrafa Polina Washington

¹² imagem realizada pelo fotógrafo Nirav Patel

Desde o começo, o cenário foi pensado como uma kitnet que englobasse quarto e sala no mesmo ambiente, dando a sensação de confinamento. Ao mesmo tempo, queríamos que ele servisse como um tipo de “ninho”, o lugar particular de Dara, onde ela se sentisse segura para ser vulnerável. Até esse ponto da concepção, o filme se mostrou fiel.

Sala/Quarto da Kitnet de Dara



[imagem 19: concepção do cenário]



[imagens 20, 21 e 22: o cenário]

A paleta de cores consiste principalmente de vermelho, vinho, marrom, amarelo e azul. O canto em que Dara dorme é majoritariamente azul, pois ela está em um momento melancólico. De resto, seu quarto é bastante marrom, com vermelhos espalhados (por ser uma cor vibrante, ela se destaca). Como Patti

Bellantoni diz em seu livro *If It's Purple, Someone's Gonna Die* (2005), o vermelho borgonha, o mais escuro (utilizado no Anamórfica), é mais sofisticado que o vermelho “carro de bombeiro”, e representa maturidade. O amarelo é sutil, mas sempre presente, ele evoca a esperança. Dara está em um momento da vida em que ela tem muitas vontades, mas sem um foco específico, o que a deixa desanimada. É lidando com essas emoções conflitantes, porém, que ela aprende e amadurece.

O filme foi gravado de uma forma cronológica, mas não necessariamente precisou ser finalizado dessa forma. Como a narrativa visual foi deixada de lado em prol da narração durante a montagem, a necessidade de continuidade e da progressão de dias se tornou desimportante. O mural, apesar de ainda relevante, deveria representar a maior parte das inspirações de Dara, mas este facilmente deu espaço à cena do projetor, que se tornou central.

Para a montagem, ao longo da pós produção fomos reduzindo recursos estilísticos planejados para maior homogeneidade do curta. Seguimos com o uso pontual de planos mais longos para contemplação visual mesclados com uma montagem mais dinâmica e rápida em momentos mais intensos narrativamente. Usamos de *jump cuts* para causar maior impacto em alguns planos de ação mais longa, além de demarcar a passagem do tempo. Optamos por adicionar movimentos sutis de *pan* e *tilt* para dar maior dinamicidade em algumas fotografias. Além disso, usamos de *freeze frames* e redução de frame rate para modificar alguns vídeos, como na sequência que a personagem está dentro do elevador que congelamos os frames de um vídeo e no plano da máquina de lavar, em que o frame rate foi reduzido no Adobe Premiere para dar um efeito mais truncado.

Na área de som temos uma narração em *off* que verbaliza os pensamentos e questões cotidianas da personagem. Usamos efeitos sonoros chave para ambientar as filmagens e fotos, e também como junção de algumas cenas, onde o som antecipa a imagem seguinte. A captação da narração foi feita com um microfone externo e um gravador, já os efeitos foram retirados de bibliotecas gratuitas disponíveis na internet. Em certo momento, utilizamos áudios de arquivo, como anúncios do noticiário. A trilha musical aparece em quase todo o filme, sendo mais evidente em momentos marcantes, e mais sutil em trechos contemplativos.

ORÇAMENTO REAL - ANAMÓRFICA										
Item		1- Descrição das Atividades	2- Quantidade Unitária	3- Unidade	4- Quantidade Item	5- Valor Unitário	6- Total da linha	7- Total praticável	8- Total da linha proposta	9- Total proposto inicialmente
		Indica o item ou serviço que será contratado	Indica quantas vezes será contratado	Indica a forma de mensurar o pagamento dos serviços	Indica o número de unidades de medida	Indica o preço de cada unidade de medida	Valor	Indica o total da base e total geral	Valor	Indica o total da base e total geral
1		Preparação / Pré-Produção						R\$319.65		R\$300.00
1.1		Transporte					R\$0.00		R\$0.00	
	1.1.1	Serviços de postagem e entrega os materiais (arquivos digitais, objetos de arte, entre outros)	1	verba	1	R\$200.00	R\$0.00		R\$0.00	
1.2		Despesas de Produção					R\$16.80		R\$0.00	
	1.2.1	Xerox/Papelaria	1	verba	1	R\$80.00	R\$16.80		R\$0.00	
	1.2.2	Pacotes de internet para comunicação	1	verba	1	R\$150.00	R\$0.00		R\$0.00	
1.3		Arte					R\$302.85		R\$300.00	
	1.3.1	Aluguel de locação	1	verba	1	R\$1,500.00	R\$0.00		R\$0.00	
	1.3.2	Verba total de Produção de Arte	1	verba	1	R\$300.00	R\$302.85		R\$300.00	
1.4		Figurino					R\$0.00		R\$0.00	
	1.4.1	Aluguel de Figurinos / Tecidos	1	verba	1	R\$200.00	R\$0.00		R\$0.00	
1.5		Alimentação					R\$0.00		R\$0.00	
	1.5.1	Teste de Elenco e ensaio remotos	1	verba	1	R\$100.00	R\$0.00		R\$0.00	
1.6		Roteiro					R\$0.00		R\$0.00	
	1.6.1	Roteirista	1	cachê	4	R\$1,000.00	R\$0.00		R\$0.00	
2		Produção e Filmagem						R\$541.73		R\$1,500.00
2.1		Elenco					R\$0.00		R\$0.00	
	2.1.1	Atriz Principal (Dara)	1	cachê	1	R\$2,000.00	R\$0.00		R\$0.00	
2.2		Equipe					R\$0.00		R\$0.00	
	2.2.1	Diretora	1	cachê	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00	
	2.2.2	Diretora de Fotografia	1	cachê	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00	
	2.2.3	Diretora de Arte	1	cachê	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00	

	2.2.4	Produtor	1	cachê	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00
	2.2.5	Diretora de Som	1	cachê	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00
2.3		Equipamento					R\$40.79		R\$500.00
	2.3.1	Aluguel de câmara (com seguro e alguns acessórios)	1	diárias	27	R\$300.00	R\$0.00		R\$0.00
	2.3.2	Aluguel de acessórios de câmara adicionais (com seguro)	1	diárias	27	R\$100.00	R\$40.79		R\$500.00
	2.3.3	Aluguel de kit lentes (com seguro)	1	diárias	27	R\$200.00	R\$0.00		R\$0.00
	2.3.4	Aluguel de equipamento de Luz/maquinária	1	diárias	27	R\$200.00	R\$0.00		R\$0.00
	2.3.5	Aquisição de cartões de memória	1	verba	2	R\$180.00	R\$0.00		R\$0.00
	2.3.6	Aluguel de equipamentos de som	1	diárias	27	R\$250.00	R\$0.00		R\$0.00
2.4		Alimentação					R\$403.26		R\$500.00
	2.4.1	Refeições para equipe	27	verba	7	R\$15.00	R\$290.65		R\$300.00
	2.4.2	Alimentação e bebidas em set	27	verba	1	R\$50.00	R\$112.61		R\$200.00
2.5		Despesas de Produção					\$97.68		R\$500.00
	2.5.1	Transporte	1	verba	1	R\$200.00	\$59.68		R\$200.00
	2.5.2	Dinheiro emergencial para o Set	1	verba	1	R\$100.00	R\$38.00		R\$100.00
	2.5.3	Caixa de remédios e Kit primeiro socorros	1	verba	1	R\$200.00	R\$0.00		R\$200.00
3		Pós-Produção						R\$0.00	R\$700.00
3.1		Equipe					R\$0.00		R\$0.00
	3.1.1	Montadora	1	cachê	1	R\$3,000.00	R\$0.00		R\$0.00
	3.1.2	Colorista e artista de VFX	1	verba	1	R\$1,500.00	R\$0.00		R\$0.00
	3.1.3	Edição de som	1	verba	1	R\$1,500.00	R\$0.00		R\$0.00
3.2		Estúdio de som / efeitos sonoros					R\$0.00		R\$0.00
	3.2.1	Mixagem Dolby 5.1 + Redução 2.0	1	verba	1	R\$2,500.00	R\$0.00		R\$0.00
	3.2.2	Trilha Original	1	verba	1	R\$1,000.00	R\$0.00		R\$0.00
	3.2.3	Produção de	1	verba	1	R\$3,000.00	R\$0.00		R\$0.00

		foley							
3.4		Finalização				R\$0.00		R\$700.00	
	3.4.1	Masterização e DCP	1	verba	1	R\$500.00	R\$0.00	R\$0.00	
	3.4.2	Audiodescrição e Libras	1	verba	1	R\$2,500.00	R\$0.00	R\$0.00	
	3.4.3	Aluguel de Estúdio para interpretação	1	verba	1	R\$500.00	R\$0.00	R\$0.00	
	3.4.2	Closed Captions	1	verba	1	R\$1,500.00	R\$0.00	R\$0.00	
	3.4.4	Aquisição de HD externo	1	verba	2	R\$350.00	R\$0.00	R\$700.00	
4		Divulgação e Comercialização					R\$500.00		R\$500.00
4.1		Despesas de Divulgação					R\$500.00	R\$500.00	
	4.1.2	Verba para viagens da equipe	1	verba	1	R\$5,000.00	R\$0.00	R\$0.00	
	4.1.3	Taxas para plataformas e festivais	1	verba	1	R\$1,000.00	R\$500.00	R\$500.00	
	4.1.4	Verba para envio de material em alta qualidade	1	verba	1	R\$1,000.00	R\$0.00	R\$0.00	
5		Total Geral					R\$1,361.38		R\$3,000.00

Legendas:

Total praticável: **verde**

Total proposto inicialmente: **vermelho**

10. Descrição das atividades

Direção e Direção de fotografia - Marina Deliperi

Após a banca de qualificação ainda tivemos certo tempo de pré-produção e utilizamos esse momento para lapidar o roteiro e fazer algumas alterações indicadas. Também foi nesse período que entramos em contato com a nossa atriz e realizamos uma chamada de vídeo para nos conhecermos melhor. Então combinamos junto com a arte as roupas e objetos que ela poderia levar para o set, bem como incorporamos alguns hábitos dela para a construção da personagem, como por exemplo o hábito de usar incensos em sua casa.

Já a etapa de gravação do curta foi um grande desafio. Realizei a co-direção à distância e isso era algo novo que não sabíamos se daria certo. Comigo em São

Paulo e as meninas em São Carlos, planejamos gravar com uma equipe de duas integrantes do grupo em set e a atriz, comigo participando através de videochamada. No primeiro dia de gravações enfrentamos vários problemas por conta de ser uma dinâmica diferente e a equipe ser super reduzida. A Beatriz (arte) e Thais (co-direção) encontraram dificuldades para conciliar todas as tarefas de set e ainda levar o celular comigo na videochamada, para que eu pudesse ver todos os quadros e dirigir as cenas à distância junto com a Thais. Muitas vezes eu acabava não conseguindo acompanhar tudo 100%, mas elas fizeram de tudo para que eu participasse e opinasse bastante. A parte mais difícil foi com certeza tentar visualizar os enquadramentos e a atuação; por mais que você veja o que está acontecendo, à distância é mais difícil entender como estão saindo as ideias realizadas no set e também explicar novas ideias. Fazer a iluminação à distância também foi complicado. Na chamada pelo celular a luz ou estourava ou ficava muito escura, então eu confiava naquilo que as meninas estavam vendo e naquilo que havíamos planejado na pré-produção.

Outra dificuldade foi passar bastante tempo em frente ao computador acompanhando o set. Muitas vezes eu ficava exausta fisicamente e mentalmente, com dor nas costas por ficar muitas horas sentada com a luz do monitor no rosto. Mas conforme o processo foi avançando, passei a levantar às vezes e alongar o corpo para aguentar a diária.

Em relação ao diálogo entre a Thais e eu, conseguimos conciliar aquilo que tínhamos em mente, sempre buscando os pontos em comum e algumas vezes realizando a gravação das duas ideias, quando fossem muito divergentes. Em cada cena a ser gravada nos reuníamos para conversar sobre como seria feito o enquadramento e a atuação da atriz, olhando a decupagem e a ordem do dia. Então as meninas preparavam tudo no set para começarmos a gravar. Eu também conseguia conversar com a atriz para dar instruções ou tentar melhorar algo do take anterior. Em vários momentos surgiam ideias novas para enquadramento, então tentávamos realizá-las rapidamente.

Durante as gravações, como eu não estaria montando nada em set, fiquei encarregada de pedir as marmitas para a equipe, preencher o boletim, fazer a manutenção da ordem do dia e realizar um pouco o papel de primeira assistente de direção, função ausente em nossa equipe reduzida. No primeiro final de semana de trabalho foi difícil conciliar tudo. Às vezes eu precisava parar o trabalho de direção

para pedir as marmitas, me preocupando também com o custo de cada refeição em relação ao orçamento. A Beatriz também fez esse controle, já que ficou responsável por cuidar dos lanches.

Um dos pontos mais positivos sobre estar sempre no computador foi o modo com que resolvemos lidar com documentos em set. Eu preenchia o boletim completamente online, sempre solicitando as informações técnicas para a Thais. Quando havia algum erro ou algo que precisava ser modificado, era só deletar e escrever novamente, o que me possibilitou criar um boletim mais organizado e limpo para a pós produção. Além do boletim, a manutenção da ordem do dia foi facilitada, já que diante de qualquer atraso ou imprevisto podíamos modificar a ordem e atualizá-la em tempo real sem rasura.

Para mim foi algo novo lidar com a ordem do dia e o papel de assistente de direção improvisada. Antes do set pedimos ajuda com o plano de filmagem para uma amiga de outro grupo, que montou um esqueleto. Após esse processo, fiz as ordens do dia a cada semana antes dos sets, que eram espaçados em três finais de semana. Algumas diárias tiveram imprevistos com o horário, muitas vezes com atrasos da atriz ou compromissos dela que surgiram de última hora. Mesmo tendo perguntado com antecedência sobre a agenda dela, algumas vezes tivemos que reformular a ordem do dia. Conforme o tempo passava, cada vez menos atrasos aconteciam e o set fluía melhor.

Com a gravação concluída, partimos para a narração. Preparamos um documento paralelo para que a Thais (narradora e diretora) escrevesse o texto em palavras mais confortáveis para ela, diminuindo a formalidade da escrita.

No primeiro dia, fizemos uma vídeo chamada entre som e direção. Começamos então a montar os equipamentos, sem sucesso, o microfone havia emperrado e não abria para colocarmos as pilhas. Nada funcionou bem e decidimos gravar outro dia, com outros equipamentos. Confesso que a direção de narração foi uma das partes mais desafiadoras do processo, durante a diária testamos diversos tons e modificamos mais ainda as palavras do texto. Ficamos satisfeitas com o resultado, porém quando colocamos a narração em conjunto com a imagem, nossa orientadora comentou que havia um tom de muito pesar, que estava carregando ainda mais aquilo que aparecia na imagem, então partimos para uma segunda gravação, que seguiu os mesmos termos da primeira, mas fomos modificando o tom para algo mais otimista e natural, cortando algumas partes do texto.

Mesmo assim, sinto que a tradução da linguagem escrita para a falada não foi 100% bem sucedida, temos diversas frases narradas de forma um tanto quanto distante do natural e muitas vezes o tom não alcançou o resultado que eu esperava, mas conseguimos avançar muito nessa questão comparado ao ponto de partida.

Enquanto acontecia a segunda gravação de voz, a Gabrielly já havia iniciado a montagem. Durante o set, construímos uma coluna na planilha de decupagem direcionada à pós-produção, indicando ideias que tínhamos para a edição. Como a proposta do filme não tinha uma estrutura convencional, estávamos dispostas a experimentar coisas novas na montagem. Com o primeiro corte percebemos que narração e imagem estavam em conflito, não conseguíamos acompanhar as duas juntas. A narrativa visual estava muito complexa e ao mesmo tempo a história contada pelo som também, o que fazia o espectador precisar optar por prestar atenção em apenas uma das duas. Em uma orientação com a Lili, ela disse que isso podia estar acontecendo porque tínhamos previsto uma narrativa visual linear, que o espectador teria que pensar para acompanhar. Então, partimos para a tentativa de desfazer um pouco a estrutura das imagens, deixando menos linear e focando bastante naquilo que era cotidiano. Com isso, passamos a trabalhar as imagens poéticas de forma mais pontual do que no primeiro corte, conseguindo ainda manter a ideia inicial do projeto, de contrastar o cotidiano com o poético.

Nos próximos cortes seguimos fazendo grandes ajustes estruturais, movimentamos muitas imagens de lugar, deslocamos narrações, cortamos muitos textos que pareciam estar sobrando. Em um certo momento, sentimos a necessidade de adicionar mais materiais de arquivo do que o previsto, buscando um aspecto mais humano para o curta, pois sentíamos que a personagem estava muito antipática por erro em nosso processo de direção de atores. Então, pedimos materiais pessoais da atriz e também levantamos fotos do nosso acervo pessoal. A ideia era juntar fotos mais caseiras, muitas vezes borradas e fora de foco, conversando com a proposta estética.

Nesse processo tentamos enxugar o filme ao máximo, para deixá-lo com o tempo ideal sem parecer que estava sobrando algo. Muitos ajustes conversados com a montagem foram somente ajustes finos, mas tivemos dificuldade com muitas alterações estruturais. O processo de montar à distância dificultou muito a comunicação entre montagem e direção. Muitas vezes nós da direção precisávamos ver em testes se nossas ideias estavam funcionando. Por conta disso, muitas vezes

não tínhamos uma informação 100% precisa e queríamos testar, isso gerou alguns atritos na pós-produção. Tentamos realizar uma videochamada para fazer testes ao vivo e funcionou, porém só aconteceu uma vez, tanto pela questão de tempo quanto por conflito de interesses. Mesmo com problemas pontuais, a etapa de montagem teve uma grande evolução em comparação ao primeiro corte, os áudios novos trouxeram mais simpatia à personagem e a Gabrielly conseguiu organizar as imagens, resolvendo problemas e criando uma estrutura única.

Após o fechamento do corte seguimos para a pós de som e realização da trilha musical, feita pelo Henrique Napolitano. Desde o começo do processo ele esteve em contato com a direção e o som para criar algo coerente, partindo da música presente na cena da projeção, que veio de um banco de som gratuito. Assim, eu e a Thais fizemos um documento explicando as ideias da direção, seguido de uma reunião. Esse processo foi essencial para criar mais uma camada do curta, muitas vezes passando também por experimentações musicais como na cena da máquina de lavar, que tivemos a ideia de fazer uma música concreta, utilizando os sons da máquina.

Além das funções de direção e direção de fotografia, também estou sendo responsável por conversar com a coordenação da TILSP (UFSCar), buscando uma parceria para adicionar janela de libras no nosso curta, agregando mais acessibilidade ao projeto. A previsão é que esteja tudo pronto ano que vem.

Por fim, vejo o Anamórfica como um organismo muito vivo, cheio de mutações e experimentações. Essa essência esteve conosco desde o começo e sempre foi um desafio. Mesmo que eu ainda tenha algumas dúvidas se o resultado da mensagem final é aquele que eu esperava, fico feliz por ter conseguido gravar tudo no período planejado e ter tido um set muito bom. O resultado visual daquilo que captamos ficou além do que eu esperava, os planos ficaram bonitos e as cores do filme se revelaram fortes, com muita presença do amarelo e vermelho. Para mim, esse é um dos pontos mais fortes do curta.

Direção e Direção de fotografia - Thais Siqueira

Desde que nos reunimos como grupo para a realização do projeto, surgiu a vontade de fazer uma história íntima e que abrangesse nossos sentimentos, medos e inseguranças em relação a atual situação da nossa vida, envolvendo todo o

turbilhão interno que nos atravessava e o caos que acontecia no mundo exterior. A partir disso, nos entregamos a criação da história, juntando experiências individuais e coletivas para a criação da nossa personagem e da narrativa do filme.

Após encontrarmos soluções criativas e de produção para a realização do nosso projeto, apresentamos para a banca da qualificação, nos foi apontadas algumas questões referentes ao desenrolar narrativo que fizeram muito sentido pra gente, conseguimos otimizar o roteiro a partir desses apontamentos.

O set de filmagem foi realizado no meu apartamento, o que facilitou bastante na questão de desenvolver os enquadramentos e pensar iluminação de uma forma mais assertiva. Na semana pré-set, a Beatriz da arte veio aqui e montou todo o cenário da casa da nossa personagem, utilizando bastante móveis que já tinha no apartamento, pra facilitar todo o processo. Com o cenário montado antes, também já pude visualizar bem a disposição de tudo no ambiente e como isso iria funcionar nos enquadramentos da câmera. Durante essa semana também alinhamos as últimas questões com a atriz e pensamos detalhadamente sobre a ordem do dia, já que não tínhamos uma pessoa dedicada exclusivamente à primeira assistência de direção, por conta da nossa equipe reduzida. Tivemos ajuda de uma amiga de outro grupo de tcc para pensar a disposição das cenas nos dias de filmagem e a Marina ficou responsável por montar isso certinho em um documento. Apesar das dificuldades em relação a isso, a nossa união fez com que o processo funcionasse muito bem.

Primeiro dia de set de filmagem, já tínhamos em mente quais seriam nossas principais dificuldades, a questão da Marina estar de longe para fazer a direção e foto comigo, e a equipe mega reduzida que fomos para esse dia de REC, somente eu - para operar a câmera e pensar enquadramentos, iluminação e direcionar a atriz junto com a Marina (pelo google meet) - e a Beatriz, responsável pela arte, captar som direto como guia, bater claquete e me ajudar com alguns pontos da foto. Confesso que eu achei que seria mais tranquilo, que daríamos conta bem, mas não foi o caso. Tivemos muitas dificuldades, principalmente em controlar a luz natural que entrava pelas janelas da sala, elas são muito grandes, o que acabou gerando uma iluminação muito chapada, que não era o que queríamos, e nem combinava com a ideia geral do filme. Isso me deixou bastante frustrada, pois não tínhamos tempo e pessoas suficientes para controlarmos isso, mas nas próximas semanas tivemos mais duas meninas no set com a gente (uma que já morava comigo e outra

que morava a Beatriz, seguindo todas as recomendações de segurança contra a covid, utilizando máscara e sempre passando álcool gel) e nessas cenas na sala conseguimos moldar melhor a luz natural, com a utilização de cobertores e objetos para direcionar melhor a luz, deixando com o aspecto que havíamos imaginado desde o início. Outra dificuldade pertinente que tivemos na primeira semana de filmagem foi, também refletida pelo fato da equipe mega reduzida em set, a questão de como mostrar tudo pra Marina em tempo real, para que ela participasse das decisões de todos planos e direcionamentos com a atriz, eu e Beatriz tentamos ao máximo, mas em alguns momentos não foi possível, principalmente as cenas no pátio, era fim de tarde e estávamos correndo pra gravar com a luz natural disponível, com problemas nos equipamentos, com o celular com a internet falhando etc. Nesses casos tive que decidir sozinha os enquadramentos em câmera e como direcionar a atriz, mas como eu e a Marina estávamos bastante alinhadas com toda a proposta visual que fizemos juntas, deu tudo certo.

Com isso, toco em outro ponto importante, os equipamentos disponíveis para a filmagem do nosso projeto. Tudo que utilizamos era meu mesmo, trabalho com fotografia e disponho de alguns equipamentos, como câmeras e lentes, iluminação artificial e um estabilizador de imagem, o gimbal. Esse último foi crucial para a nossa filmagem, queríamos muito passar uma sensação de leve movimento nos planos, algo mais fluido e orgânico. Apesar do equipamento ser meu, ele era recente e eu não havia usado tanto assim, tive alguns momentos de maior dificuldade para operar ele em set, mas foi bem melhor do que eu imaginava, consegui me entender bem com ele. Porém, era bem cansativo ficar segurando durante muito tempo nas diárias, além de em alguns momentos ele descalibrar e não termos muito tempo para passar por todo o processo de calibração novamente. Então, em alguns planos que planejamos fazer com ele, fizemos ou no tripé ou na mão mesmo, mas não acho que isso tenha prejudicado na narrativa visual que desenvolvemos. Além disso, eu estava insegura de utilizar uma DSLR para a filmagem do nosso curta, estava acostumada a participar de TCCs da Imagem e Som desde que entrei na faculdade e nunca tinha visto um projeto ser filmado com uma câmera básica. Ainda mais que nossa intenção era produzir imagens com grande apelo estético. Mas o lado positivo disso é que eu já dominava bastante o equipamento, com isso pude extrair o melhor possível dele, e acho que foi o suficiente para conseguirmos boas imagens.

Com o fim das filmagens, partimos para a parte da gravação da narração, em que eu seria a narradora. Eu nunca tinha feito isso de fato, o que me deixou bastante insegura. A partir do texto escrito pela Beatriz, eu troquei algumas palavras para uma forma mais coloquial de se expressar. Treinei bastante para encontrarmos um tom para as falas. Foi difícil para que eu mesma desse um direcionamento para isso, então decidi seguir mais o que a Marina me dizia e colocava um pouco do meu tom também. Na primeira tentativa de gravação, o microfone emperrou e não conseguimos fazer nada. Na segunda tentativa, chamei meu amigo Thierry, que possui equipamento profissional de som, para nos ajudar. Moro em um lugar movimentado, então tínhamos esse desafio de tentar deixar um pouco mais silencioso, colocamos colchões nas janelas e esperávamos o movimento de carro na rua dar uma amenizada. Tive o direcionamento da Marina e Milena pelo google meet e fizemos a primeira versão da narração. Eu estava nervosa e as falas acabaram não saindo tão naturais quanto eu gostaria. Mostramos para nossa orientadora, ela apontou esse problema, além de nos dizer que o tom estava muito de pesar, que deveria ter um toque de esperança e até mesmo ironia em algumas partes. Marcamos um novo dia para fazer a segunda versão da narração, selecionamos as partes que seriam necessárias refazer e alterei mais algumas palavras para soar mais natural. Nesse dia eu estava mais tranquila e consegui alcançar um pouco mais de naturalidade e um tom que combinasse mais com o intuito do nosso filme. Não acho que chegamos ao que realmente queríamos, mas tendo em vista todas as adversidades foi um resultado até que satisfatório. Mas confesso que é muito difícil ouvir a minha própria voz enquanto assisto ao filme.

Outro processo que rolaram dificuldades foi na montagem. Muito do que havíamos pensado na narrativa da nossa história não funcionou e tivemos que cortar e realocar bastante planos, cenas e partes da narração. E o fato da distância geográfica entre nós, sinto que atrapalhou e estendeu esse processo. Além de que, por ser um filme com uma pegada mais experimental, era necessário fazer muitos testes do que funcionaria melhor, mas o tempo estava curto, então foi um processo bem intenso. Basicamente, fizemos um quebra-cabeça com todas as cenas, tentando encontrar a melhor maneira de transpassar o sentimento que queríamos, a junção de direção e montagem foi muito importante para encontrarmos uma solução para a narrativa. Ficou bastante diferente do que planejamos no início, mas todas as soluções encontradas fizeram muito sentido e conseguimos chegar num resultado

que transmitisse muito do que havíamos conversado durante toda a pré produção e produção.

E por último, a trilha musical, convidamos o Henrique para produzir pra gente, pois gostamos de muitas das suas produções e sentimos que combinava bastante com o que estávamos imaginando. Eu e Marina fizemos um documento com apontamentos de onde e como gostaríamos que a trilha fosse introduzida e enviamos para ele. Após isso, nos reunimos em vídeo chamada para alinhar tudo da melhor maneira possível, ele também trouxe ideias e chegamos em um consenso. A trilha ainda está sendo produzida mas boa parte já foi finalizada, e o processo dele mandar pra gente e apontarmos algumas mudanças foi ótimo, estamos muito satisfeitas com os caminhos da trilha musical.

Todo o processo do nosso curta Anamórfica foi intenso, pois é bastante pessoal e singelo. Foi necessário olhar bastante pra dentro de nós mesmas e encarar medos e inseguranças muito fortes que nos acompanham. Passar tudo isso para uma obra audiovisual foi mais difícil do que eu poderia imaginar, mas foi importante e gratificante fazer tudo isso ao lado das meninas!

Direção de Produção - Murilo Morais Oliveira

Os maiores obstáculos da produção foram a criação e desenvolvimento dos materiais base. Realizei a manutenção do Cronograma durante o projeto e decidimos por um calendário que possibilitasse realizar os sets durante três finais de semana, já que o grupo inteiro trabalha. Aumentamos também o tempo de montagem por conta do projeto não seguir regras clássicas de continuidade e linearidade narrativa, demandando bastante da pós. Durante o processo também providenciei, junto à equipe, contratos tanto para a atriz quanto para quem nos enviou obras de arte e fotografias para serem utilizados no curta.

A produção da Análise Técnica e do Orçamento não se apresentou como um problema tão grande, já que a pandemia de COVID-19 nos obrigou a utilizarmos o máximo possível de nosso próprio acervo. Logo, de início sabíamos a locação, atrizes (de imagem e de voz) e recursos necessários para nossa produção. Todos os equipamentos e objetos de arte surgiram de acervos de membras do projeto ou da atriz. A maior complicação se deu ao percebermos que precisaríamos de um valor mínimo para alimentação (almoço e lanches). Destinamos então um valor total a ser

gasto e a Marina e Beatriz fizeram o controle de gastos durante o set. Ademais, alguns materiais como fitas crepe, consumíveis da área de arte (tecidos, mural, etc) foram orçados visto que estas eram coisas que não possuíamos. Todo o dinheiro do filme foi arrecadado através de vaquinha divulgada em redes sociais.

A maior dificuldade foi coordenar todos os processos necessários para a produção de um curta-metragem sem a presença física de minhas colegas. Tivemos que nos reunir virtualmente com muito mais frequência do que esperava e tentar nos comunicar de forma muito mais constante e clara para que todas estivessemos sempre a par das entregas, datas e alterações necessárias.

Após a banca final, pretendemos fazer os ajustes sugeridos e inscrever o filme em festivais.

Montagem e Colorização - Gabrielly Pascoal

Desde o começo, quando estávamos formulando como o curta seria, tivemos um processo criativo bem diferente do convencional. Foi um processo difícil e longo, um grande exercício de olhar para nós mesmas como mulheres, futuras profissionais no audiovisual e acima de tudo como pessoas, sem romantização, sem a expectativa utópica de acertar o tempo todo. Por momentos, confesso que me senti hipócrita de estar olhando pra dentro quando o mundo lá fora estava se acabando, com pessoas morrendo por um vírus, com gente passando fome, com tanta coisa sendo arrancada a cada dia. Mas com o tempo fomos nos entendendo como parte disso, como pessoas que querem mudar o mundo sem saber como, essa ideia um pouco ingênua, talvez, mas que traz esperança em momentos de caos.

Justamente pelo processo criativo não convencional eu esperava que com a montagem não fosse ser diferente. Tinha um planejamento, mas não sabíamos na prática como ia ficar, por ser um filme com uma narração a parte do visual, as possibilidades eram muitas. Tudo podia estar em qualquer lugar, cada pedaço de narração podia ser combinado de forma diferente com a parte visual, e isso poderia afetar completamente o sentido de ambos. Ao todo, foram 5 cortes completos, além de muitos testes, conversas e reorganização do que foi planejado na decupagem.

Finalizadas as gravações, passei cerca de uma semana organizando o material bruto em pastas de acordo com os boletins. Por conta da equipe reduzida,

os boletins não estavam perfeitos e tive problemas para identificar alguns arquivos, mas após um tempo consegui localizar tudo. Levei por volta de 3 semanas para fechar o primeiro corte, nesse começo segui a risca a decupagem planejada, que tinha 30 cenas no total, nesse corte o maior incômodo foi a falta de respiros em algumas cenas. No segundo corte, explorei melhor o uso de respiros e fizemos algumas mudanças na ordem da história, o que resultou em um corte levemente maior que o anterior, a impressão geral ao assistirmos esse corte foi que o curta parecia acabar na cena do projetor, mesmo retomando por mais 3 minutos, o que não funcionava muito bem. Com isso em mente, o grupo se reuniu para repensar a estrutura geral do curta, onde decidimos um novo “esqueleto”, o feedback desse foi bem mais positivo, mas ainda sentimos que algumas cenas podiam ser cortadas e realocadas. Para o quarto corte, acabei fazendo duas versões, uma seguindo as instruções da direção e outra deslocando a cena do projetor para encerrar o filme, optamos por seguir com a segunda. Com quase tudo definido, passei para o quinto e último corte para ajustar alguns detalhes finais, já adicionando os logos e vinheta da UFSCar, além de uma primeira versão da cartela inicial com o nome do curta.

Nesse processo, pra mim como montadora foi fundamental estudar referências e buscar soluções para os problemas que foram sendo enfrentados no caminho. Tínhamos muitas ideias e misturas estéticas planejadas, que no fim precisaram ser repensadas e reduzidas para termos um resultado mais consistente, e para que a estética não interferisse de maneira negativa para o entendimento do filme. No fim, do que estava previsto na proposta conceitual para a banca de qualificação, optamos por descartar: duplas exposições, imagens de protestos e momentos em preto e branco, além de cerca de 30% da narração e cenas planejadas inicialmente.

Uma grande referência pra mim foi o curta metragem “REBU – A Egolombra de uma Sapatão Quase Arrependida” de Mayara Santana, nele, a diretora explora o uso de materiais de arquivo sob uma narração bastante intimista, questionando e problematizando seu próprio comportamento tóxico em suas relações amorosas. Me inspirei nesse curta metragem para pensar na inserção de materiais de arquivo, como na sequência de fotos pessoais da atriz, que surgem sobrepostas e em diferentes tamanhos, formando uma composição mais despretensiosa. Além disso, usamos stories do instagram e outros materiais de arquivo da equipe para dar ainda

mais a sensação intimista que queríamos passar com a história, como se fossem flashes de memórias do que a personagem viveu.

No fim, exploramos soluções e escolhas estéticas menos presas ao cinema clássico, por ser um filme mais experimental, tivemos abertura pra isso. Por exemplo, na sequência de fotos que a personagem está dentro do elevador, a caminho do trabalho, inicialmente era uma sequência de vídeo dela subindo para seu apartamento, na volta do trabalho. Optamos por congelar frames para conseguir passar a ideia de que ela estava saindo de casa após a nossa orientadora, Eliane Coster, comentar que não estava claro que ela saia de casa para trabalhar. Essa e outras soluções só foram possíveis por ser um filme que mescla o uso de fotos com vídeos, o que permitiu que tivéssemos uma liberdade criativa bem grande.

Já para a parte de colorização optei por seguir com um LUT mais puxado para tons de amarelo, tirando um pouco da saturação original e adicionando um efeito de esmaecimento nos pretos, para uma visual mais ameno. Foi necessário fazer a correção de cores plano a plano, para um visual mais homogêneo. Em algumas sequências, como a do segundo banho de Dara, aumentei levemente os tons de azul, para realçar ainda mais a melancolia da personagem. Para as imagens de arquivo, decidi manter a correção de cor original dos materiais, justamente para dar mais riqueza e naturalidade, para essas imagens usei apenas um LUT levemente amarelado.

Roteiro da narração - Beatriz Ximenez

A ideia desse projeto veio à partir de sentimentos conjuntos das integrantes do grupo e da vontade de expressá-los, partindo do trecho da letra da música “Hypnotized”, da Letrux:

Tô louca pro mundo acabar
Tô louca pro mundo começar
Tô louca pro mundo acabar
Tô louca pro mundo

Desde o princípio a intenção era fazer um fotofilme que misturasse fotos e vídeos (principalmente originais) com uma narração, ambos em um tom poético. A

decisão de qual seria o tema central do filme foi a primeira enfrentada. Nesse quesito as aulas da professora Eliane, que serviram como espaço de exposição de diversos tipos de fotofilme e de discussões sobre quais eram as motivações do grupo para realizar este filme, foram essenciais.

Acabadas as aulas expositivas, a orientação focou no tipo de filme que faríamos, assim fazendo perguntas que continuavam sem resposta: Qual é o objeto desse projeto? Quais são as estratégias que utilizaremos nele? Onde e quando ele se ambientaliza?

A partir daí entrei oficialmente como roteirista, mas o que escrevi não é bem um roteiro. Começamos a escrever relatos, cada uma das integrantes escreveu sobre esse momento em que estamos saindo do curso e ainda não sabemos bem o que vem pela frente. No começo era uma forma de encontrar o tema, o nosso assunto, mas logo percebemos que esses textos eram em si o que queríamos falar, e escrevemos mais um sobre a vinda para São Carlos (nenhuma de nós era daqui).

Decidimos criar uma persona que incorporasse todas as nossas aflições em uma só, o que criou outra dificuldade, a de como apenas uma roteirista relatar as questões das cinco integrantes do grupo com precisão?

Por mais que o tema tivesse sido definido como o “entre fases”, o filme ainda estava pouco palpável. Os textos foram para diversos lados, passando por assuntos desde a faculdade, à mercado de trabalho, relações familiares e até questões existenciais.

Após duas levadas desses textos e muita discussão, fiz uma curadoria de trechos e montei um texto final que conteve todas as questões individuais agora misturadas, e esse serviria de primeiro esboço para a narração, feita por uma única pessoa.

Feita essa junção inicial dos textos, percebemos ainda alguns temas e questões que queríamos incorporar, além de outras que poderiam ter sido tratadas de forma mais eficaz. Assim, escrevemos mais dois relatos cada, totalizando dez, mais focados em autocrítica e histórias de amor, para trazer um pouco mais de leveza ao esboço que estava demasiado reclamão.

Nesse momento foi um pouco desanimador, porque estava tentando criar o texto sem conseguir imaginar como ele funcionaria em um filme. Então parei de mexer por algumas semanas e usei esse tempo para assistir diversos curtas com narrações e de preferência sobre os processos de crescimento e amadurecimento

de protagonistas mulheres. Foi então que me deparei com os curtas da marca de roupas Miu Miu, além de vários curtas da Agnès Varda, para citar alguns. Após essa pausa voltei com mais vontade para o texto da narração, que agora parecia mais possível em formato de vídeo.

O texto já tinha forma e estrutura, então comecei a enxugar o que se mostrava desnecessário e modificar o que ainda não estava bom. Retirei as “conclusões” (sugestão da professora Eliane, que disse que seria mais eficaz retirar as frases que concluem o pensamento dos parágrafos, assim trazendo certa angústia ao espectador). Por fim, faltava melhorar o desfecho, que estava fraco. Com muita discussão em grupo e referências como Guilherme Wisnik e de músicas da banda O Terno conseguimos chegar em um resultado mais satisfatório.

O texto para a narração estava, enfim, finalizado, mas não havia uma narrativa para aparecer em tela. Chamado de “narrativa visual”, esse novo texto foi concebido pelas diretoras, também não em formato de roteiro, e logo transposto para uma decupagem que englobou a narração, a ação em tela e os planos que seriam utilizados.

Após a banca de qualificação, foram poucas as atualizações da narração, mas elas existiram até mesmo durante a montagem. Foram mudanças principalmente no fechamento do texto, que estava incompleto. No fim, grande parte da narração foi cortada na montagem, mas acredito que isso foi bom. Condensou as ideias que queríamos passar e tudo ficou um pouco mais sutil, menos repetitivo.

Além da narração também fiquei responsável por legendar o filme com áudio descrição, para maior acessibilidade. O processo foi mais simples do que eu esperava, e acabei fazendo em português e inglês, aumentando ainda mais o alcance do Anamórfica.

Direção de Arte - Beatriz Ximenez

No nosso projeto antigo (Cebola roxa, água gelada) eu estava na Arte, que é a área que mais me identifico e tenho muito carinho por. Principalmente a cenografia. Foi um baque grande quando descobrimos que não seria possível realizar tudo o que estávamos planejando. Fico feliz que conseguimos manter parte do nosso grupo original e criar algo novo. No começo, eu faria apenas o que seria a narração, mas depois passei a ocupar também essa segunda posição. A pandemia

não só mudou o fato de que precisamos pensar em um filme feito remotamente, mas a equipe reduzida fez com que todas assumíssemos mais de uma função.

Por conta do processo atípico de produção deste TCC, a área da Arte, ou do Design de Produção, só passou a ser pensada a partir do momento em que o texto para a narração já estava completo e a direção já havia criado a narrativa visual do filme (que serviu de roteiro). Depois disso, primeiro surgiu uma proposta geral da arte, com descrições de cenário e figurinos e logo após veio a análise técnica.

Já havia sido previamente decidido quais seriam as locações por conta da pandemia e dos recursos escassos para aluguel de espaços e objetos. Sendo assim, a casa da diretora de fotografia é onde se passa a maior parte do filme. Para diminuir a locomoção de pessoas e evitar o frete de móveis, o foco foi se utilizar apenas dos objetos já presentes na casa ou emprestados de outras integrantes do grupo. O figurino seguiu a mesma lógica e contou com peças do guarda-roupa da atriz, que ajudou na concepção do mesmo.

Por mais que escasso, o orçamento existe e ficou em sua maior parte destinado às fotos ou demais adereços de cenário que precisariam ser produzidos ou comprados.

Depois dessa fase de concepção, foi o momento da produção. Fiquei muito satisfeita com como a minha visão inicial conseguiu chegar ao projeto final. Houveram mudanças, mas foram mínimas. O espelho teve de ser realocado e os móveis e objetos dependiam do que tínhamos à disposição. Fabricamos o quadro que fica acima da cama de Dara, tivemos de comprar também o mural e imprimir parte das imagens que iriam nele.

Como gravamos em três fins de semana consecutivos, nos dias de semana parte do cenário era utilizado pela dona (Thais). Então toda semana era preciso montar no começo e desmontar no fim. A falta de assistentes e a necessidade de coordenar o cenário, o figurino e a continuidade destes a todo momento também foi bastante desgastante, principalmente no primeiro fim de semana, em que apenas eu, a Thais e a atriz estávamos presencialmente no set (com a Marina remotamente). Essa falta de pessoal, naturalmente, gerou um acúmulo de funções. Além da Arte, também fui responsável por bater a claquete, ocasionalmente segurar luzes, gravar e fazer boletim de som, além de imprimir as ordens do dia e comprar os lanches de antemão.

À partir do segundo final de semana as coisas melhoraram um pouco.

Conseguimos mais duas pessoas para nos ajudar presencialmente e com isso pude focar toda minha atenção na Arte. Vale ressaltar os cuidados que tivemos por conta da Covid-19. Por mais que as duas pessoas a mais (Luiza e Maria Laura) morassem, respectivamente, com a Thais e comigo, todas usamos máscaras e mantivemos o maior distanciamento possível. Durante as refeições, em que era necessário retirar a máscara, nos dividimos nos cômodos da casa. Pendurei um frasco de álcool 70% no pescoço e passei os dias de set borrifando nas mãos das meninas e nas superfícies dos objetos.

Como cada área se produziu, tive que me organizar mais que o normal. Planilhas de objetos, de gastos, de roupas por cenas, etc. Uma coisa boa de se gravar em três fins de semana foi ter tempo de organizar tudo de um para outro. A cada sexta eu fazia um papel com anotações de figurino e cenário por planos que seriam gravados e isso ajudou muito a não me perder. Mesmo assim, no entanto, na última diária esqueci de trocar a roupa da atriz em uma cena. Ainda bem, percebemos logo e conseguimos regravar sem atrasar a ordem do dia.

Eu não gostei da experiência de gravar picado, mesmo tendo suas vantagens. Achei mais desgastante do que quando são dias corridos, em que, apesar do cansaço ser maior, é mais fácil se concentrar completamente no projeto e ir de uma vez até o fim. Toda semana ter de não deixar a moral cair e retomar o foco era difícil. Ainda mais em um momento de pandemia, em que tínhamos a preocupação extra do contágio.



Direção de Som - Milena Tinen

Desde o início se pensava em uma narração, e essa foi uma das primeiras coisas que testamos. Após ter a primeira versão do texto, todas nós gravamos testes de narração, pelo celular mesmo, para verificar entonação, timbre, ritmo, enfim, ouvir o texto em voz alta. Decidimos que a Thais seria a narradora, o que facilitou muito no processo de captação, uma vez que o *set* vai ser na casa dela.

O fato de ser um curta poético me fez pensar inicialmente em muitas possibilidades pro som, como efeitos sonoros que não correspondiam com a imagem. Porém, após analisar a narrativa visual, percebi que o som, principalmente nos trechos com fotos, seria essencial para criar a ambientação e, junto com a trilha sonora, ajudar a dar o tom das cenas.

O primeiro desafio que enfrentei foi dirigir a captação de som à distância, tanto para os sons guia quanto para a narração. Como eu não estou em São Carlos, pedi para que a Beatriz gravasse os sons guia utilizando um celular nos dias de set. Como a câmera utilizada não captava som em certos momentos, esse guia era importante para a pós. Mantivemos sempre o contato para falar sobre o processo, fazer testes e tirar dúvidas. Para auxiliar, escrevi um documento com instruções para consulta e disponibilizei um modelo de boletim de som, que foi preenchido por ela durante as diárias.

Depois, foi a vez de gravar a narração com a Thais. Pedimos para o Thierry Vasques, aluno da Imagem e Som, para fazer a captação, já que os equipamentos de gravação de som foram emprestados por ele. Além disso, ele e a Thais são amigos, então seria mais tranquilo de marcarmos as diárias, que aconteceram no apartamento da Thais. Eu e a Marina acompanhamos a gravação através de videochamadas. Ela dirigia as entonações feitas pela Thais e eu ficava atenta a possíveis problemas e interferências no som, anotando tudo no boletim e pedindo a gravação de novos takes se necessário. Também contei com as observações do Thierry, que estava monitorando o áudio presencialmente.

Pronto o primeiro corte, notamos que alguns momentos da narração não encaixavam bem, por causa da entonação ou não soavam naturais. Por isso, foram alteradas algumas partes do roteiro, e regravamos esses trechos da narração, agora com uma ideia melhor do tom e do que poderia ser corrigido.

Como não conseguimos gravar em estúdio, tivemos bastante problema com ruídos externos e reverberação nos momentos de captação. Tentamos alguns métodos para diminuir esses ruídos, como colocar colchões e mantas nas janelas, mas não foi suficiente. Sendo assim, decidi tentar amenizar esses problemas na pós-produção.

Após terminado o corte final, pedi para a Gabrielly me enviar a OMF junto ao vídeo de referência, porém tive problemas para abrir o arquivo no Pro Tools. A Marina, que também está na equipe do curta de TCC “Janela”, relatou que ela teve o mesmo problema e me disse para usar AAF ao invés de OMF. Funcionou e eu pude começar a edição.

Com os conhecimentos adquiridos na especialização de som, aliados aos excelentes tutoriais em vídeo disponibilizados pela Profa. Ana Luiza, fui organizando os materiais e já explorando algumas funções e atalhos do Pro Tools. Como o filme não possui diálogos, comecei a corrigir a narração, suavizando as transições para o silêncio, substituindo trechos com muito ruído externo, quando possível e cortando partes com sons de boca e sopro. Também testei alguns plugins de redução de ruído, e percebi que seria um processo demorado, então deixei para fazer mais tarde, junto com a equalização.

Nesse período, parte da trilha sonora ficou pronta, e eu já fui adicionado ao filme, para ver como eles influenciaram no tom de cada trecho e quais efeitos sonoros eu poderia utilizar. Na pré-produção eu havia feito uma lista com todos os

efeitos e ambientes que tinha pensado para cada cena. Porém, o filme mudou bastante desde a decupagem inicial, então fui assistindo e reorganizando as ideias.

No começo tive um pouco de dificuldade para pensar nos efeitos, pois a proposta era ambientar as cenas, não necessariamente com o som de todos os objetos em cena, para não conflitar com a narração, e também precisava casar bem com a trilha musical. Algumas referências que me ajudaram nesse momento foram o fotofilme “Vinil Verde” (Kleber Mendonça Filho, 2004) e o projeto de TCC “Eu preciso te ver no fundo dos meus olhos” (Letícia Gomes, 2018.). Ambos utilizam muitos sons familiares e cotidianos para criar ambientes específicos, e alguns deles combinavam com o Anamórfica, como o anoitecer na cidade, ou uma refeição solitária na cozinha. Outra referência foi um curta que admiro muito, o “Watchtower of Turkey” (Leonardo Dalessandri, 2014), pois além de conseguir ambientar muito bem todas as imagens, ele usa os efeitos para costurar uma cena na outra junto com a música.

Passei bastante tempo procurando em bancos de som gratuitos na internet para encontrar os efeitos que eu precisava. Aproveitei também para procurar alguns ambientes. Baixei tudo e organizei em uma pasta antes de importar para o Pro Tools. Fui percebendo que alguns não encaixavam bem, ou precisavam ser complementados, então fui abandonando algumas ideias e adicionando outras, conforme ia tentando sincronizar com as imagens. Foi um processo demorado e que demandou alguns testes.

No momento, estou no fim da pré-mixagem da narração, ajustando alguns níveis, fazendo a equalização, reduzindo ruídos, clipping e cliques. Por falta de prática, tive certa dificuldade nessa etapa, então optei por fazer uma correção mais básica, para não ter riscos de distorcer o áudio. Enquanto isso, a trilha musical está sendo finalizada. Após ter ela pronta, partirei para a mixagem e masterização, onde irei ajustar a sonoridade geral do filme.

11. Plano de Distribuição

Depois de finalizado, realizaremos o registro do filme como Produto Brasileiro (CPB), juntamente com a ANCINE. Nossa estreia acontecerá junto dos outros projetos de TCC deste ano. Após este momento iniciaremos as inscrições nos festivais e mostras de cinema – tanto nacionais quanto internacionais – levantados

pela equipe, que serão o principal canal de distribuição do curta-metragem. Também daremos atenção às mostras, festivais e eventos que foquem em equipes primariamente compostas por mulheres, visto que o processo de criação do filme se deu fortemente pela relação da equipe feminina. Porém, a distribuição não se restringirá somente a isso, pois o filme retrata dilemas vividos por uma gama de pessoas em nossa sociedade neste momento. Não gostaríamos de reduzir nosso tema a apenas um grupo, mas sim nos comunicar, ressoar e dialogar com diferentes pessoas.

Abaixo, há um compilado de festivais e mostras levantados como viáveis:

Nacional	Inscrição
NOIA - Festival do Audiovisual Universitário	2021/2022
Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo - KINOFORUM	2021/2022
Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro	2021/2022
Festival Brasileiro de Cinema Universitário	2021/2022
Curta Brasília - Festival de Curta-Metragens de Brasília	2021/2022
Mostra de Cinema de Tiradentes	2021/2022
Festival de Cinema Latino-Americano	2021/2022
Festival Internacional de Curtas de Belo Horizonte	2021/2022
Mosca - Mostra Audiovisual de Cambuquira	2021/2022
Internacional	Inscrição
Festival de Cortos de Bogotá - BOGOSHORTS	2021/2022

Raindance Film Festival	2021/2022
Berlinale	2021/2022
FEST — New Directors New Films Festival	2021/2022

Uma boa parte das mostras e festivais exigem ineditismo nas submissões, portanto iremos nos restringir majoritariamente a este circuito inicialmente, para depois incluir também outros canais de distribuição, como a internet – pode-se citar, por exemplo, a plataforma Porta Curtas, Vimeo, entre outras – e canais de TV que possuem alguma recepção ao curta-metragem de baixo orçamento, como é o caso do Canal Brasil e da TV Futura.

12. Análise técnica

Para fins de concisão, neste relatório resolvemos anexar um resumo da análise técnica, com seus pontos e necessidades principais. Para visualizar a Análise técnica completa, cena a cena, acesse: [📄 Análise Técnica](#)

Análise Técnica:		
Anamórfica		
Partes: Introdução; 01; 02; 03.	Nº de Cenas: 30	Páginas de Roteiro: 05
Int/Ext: Int e Ext	Período: Dia, tarde e noite	Necessidades da Produção: Fita crepe
Locação: Casa e prédio da Thais/ Carro do Henrique	Tempo estimado de set: 39h30m	
	Técnicas: Vídeo e Fotografia	
Personagens	Equipamentos	Composição

1- Dara	Som	Som
	Microfone	Narração
	Gravador	Declamação de Poema
	Pop filter	Efeitos sonoros
		Efeito sonoro de CD rodando, ou algo que remeta ao "carregando" do videogame.
		Ruídos de ambientes
		foleys de movimentação
		Áudios não diegéticos do Bolsonaro e do noticiário
	Foto	Foto
	Câmera Baterias Cartões de memória	Luz natural e artificial
	Kit de lentes	
	Softbox e Leds	
	Luminária Chinesa	
	Rebatedores	
Figuração	Elétrica/Maquinária	FIGURINO
A - pessoas na rua (1 plano)	Máquina de fumaça	Conjunto casual largo 6 peças
	Log	Conjunto trabalho 4 peças

	Computador laptop	Conjunto pijama 4 peças
	Cartões de memória (2)	Máscaras 2 peças
		OBJETOS DE CENA
		Câmera e equipamentos de trabalho
		Alimentos e utensílios de cozinha
		Papéis, mural e fotografias para o concurso de fotografia
		CENOGRAFIA
		Tapete da sala
		EFEITOS ESPECIAIS
		-
OBSERVAÇÕES :		
Cada observação é referente à sua cena específica, checar na Análise Técnica detalhada.		

13. Roteiro

Como o curta partiu de uma narrativa textual, realizamos um documento paralelo para a parte visual do projeto, que consiste em uma segunda história, descolada do texto principal, porém em harmonia. Criamos tal dispositivo para que houvesse uma camada extra de sentidos entre o literário e o imagético. Assim, a

decupagem foi criada com base neste “roteiro visual”, que também possui diversas indicações de direção e fotografia.

Aqui estão as versões separadas do texto da narração e da narrativa visual, tais como estavam quando foram para as filmagens. O roteiro final, que será registrado na biblioteca nacional, consta nos anexos.

13.1. Texto da Narração

Parte I

Às vezes eu sinto que tô naquela tela de “carregando” do videogame, e que minha vida de verdade ainda não começou.

anamórfica

Era pra eu me formar em 2020.

[pausa]

Sempre fui muito indecisa, nem sabia qual curso queria fazer. Com 18 anos, caí de paraquedas numa aula da faculdade. De repente, todos os professores tavam perguntando “por que você decidiu fazer cinema?”.

Eu gostava muito de fotografar. Quer dizer, eu ainda gosto, mas não tanto quanto antes. Eu fazia de tudo pra tirar fotos sem que as pessoas percebessem. Não saber como fazer me dava liberdade pra poder experimentar. Antes não tinha errado, não tinha feio, nem bonito. Qualquer resultado era uma conquista, simplesmente por eu ter encontrado um jeito de fazer o que antes tava só na minha cabeça.

É doido pensar que os motivos que me fizeram escolher cursar Imagem e Som são os mesmos que me afastaram do audiovisual. No prédio do curso, tinha uma pichação: “vim, fracasei, virão outros”. Eu nunca vou esquecer a primeira vez que li isso e pensei “meu deus, que pessimista”.

Parte II

Nunca tive medo de coisas novas. Tudo que eu ouvia de quem tinha mudado de cidade pra estudar era que tinham chorado horrores nos primeiros dias. Eu pensava “será que tem alguma coisa errada comigo?”. A verdade é que quando eu saí de casa me senti assumindo o controle da minha vida pela primeira vez. Quando eu passei, meus pais foram comigo e a gente ficou procurando um lugar para morar. Encontramos um bem ruinzinho, que na época de alguma forma parecia bom. Eu realmente não sei como a gente achou aquele lugar bom. Então eles foram embora e eu entrei em um leve desespero.

Fiquei chorando sozinha no quarto.

Na casa, morava uma velhinha bem velhinha e uma velhinha que era filha da velhinha bem velhinha. A filha da velhinha foi falar comigo para me consolar, e disse que fazia medicina alternativa e podia fazer acupuntura na minha orelha para eu poder relaxar. Ela fez, doeu pra caralho. Então ela disse pra eu ficar lá deitada que ia me sentir melhor. De repente eu comecei a me sentir muito mal. Eu fui no banheiro e minha pressão caiu, tudo começou a ficar distante e eu já comecei a pensar "ah pronto, me drogaram e vão vender meus órgãos". Aí eu desmaiei. Acordei com a velhinha me segurando.

Apesar de todos os medos que carrego comigo, medo de fazer escolhas erradas, medo de ter desperdiçado anos em uma área desvalorizada, medo de não conseguir me sustentar, eu ainda acho que vir pra cá ajudou a me conhecer melhor. Eu ainda tô tentando encontrar o meu lugar dentro do curso, mas eu pude optar por ele, um curso de artes. Eu pude entrar em uma Federal, eu pude morar em outra cidade.

Discorro sobre o que eu quero
E sobre o que eu queria querer
O quero e o não quero
Pesam igual ao meu ver

Esses dias eu percebi que não consigo mais assistir alguns filmes e séries sem pensar em como é cansativo ver esse cinema de “gênios”, feito de tantos homens assediadores e oportunistas...aí fico tentando entender o que realmente motiva um homem hétero a fazer um filme sobre um casal de mulheres... já pararam pra pensar no porquê de Azul é a Cor Mais Quente ser tão conhecido.

Essa sensação de não ter espaço pra contar a própria história é muito ruim e sei lá... às vezes acho que no final acabo fazendo pouco pra mudar isso de verdade.

Quando você para pra pensar no que constitui a nossa sociedade como ela é, percebe que tudo é simplesmente bizarro. Mas eu também não quero falar sobre isso. Na verdade, tem muita coisa que eu não quero falar sobre. Mas penso.

Tem dias que quero dormir e não acordar
Mas na maior parte dos dias eu só não quero dormir

Um tempo atrás fui arrumar meu portfólio, adiantando a procura por emprego, e percebi que eu não sei com o que quero seguir. É como um estabelecimento aqui perto de casa que é ao mesmo tempo restaurante e escola de arte marcial, que todo mundo fala que não deve ser bom, bom mesmo é aquele lugar que é só escola de arte marcial ou só restaurante.

Eu queria alguma coisa com edição de vídeos, porque era a única coisa que eu sentia que fazia bem... Sinto que tô numa competição o tempo todo para ver quem tem o melhor currículo. Pra ver quem tem mais experiência. Mas como ficar bom em alguma coisa sem ter trabalhado com aquilo por um tempo. Acabei como estagiária de design gráfico, social media e assistente de marketing numa concessionária.

Tenho tantos sonhos e desejos, tenho medo de alcançar eles e não sentir absolutamente nada.

Logo na calourada eu conheci a pessoa com quem eu tô hoje. Foi meu primeiro crush da faculdade, mas demorou anos até que rolasse algo. Teve um outro namoro, um término bagunçado, choro, várias Festas leS e um pouco de drama. Em uma festa em 2019, lá estava o meu crush. A gente ficou por horas.

É estranho ver que dessa história saiu um relacionamento de quase três anos, um apartamento que alugamos juntos, e mais de 30 plantas.

O momento de dar um salto no desconhecido se aproxima, consigo sentir.

No começo de 2020 eu tinha muita esperança... uma alegria e um entusiasmo por tudo que eu ia viver nesse ano. Eu tinha acabado de comprar uma câmera, que era meu sonho há muito tempo, e foi com o dinheiro que demorei para juntar. Eu só conseguia pensar nesse TCC. Pensava em me formar e no que eu faria depois. Achava que no fim do ano eu ia pegar um diploma, e aí portas iriam se abrir, iria conseguir emprego, porque afinal, eu teria um diploma... (risos).

Acho que tenho me tornado uma pessoa mais ansiosa e insegura. As notícias ficam rolando na televisão. Na internet, cada semana uma tragédia diferente toma conta. Me pergunto se a frase na fachada do prédio tava tão errada assim.

Eu tô com aquele gosto na boca
De sonhar que estou mascando chiclete
E sempre que jogo fora, ele volta
O retrogosto de algo que já foi bom

Parece que tá tudo dando errado há muito tempo e eu tô cansada.

Cansada de tentar tanto, de ver tanta desgraça, cansada de não ter espaço pra respirar fundo e me sentir eu mesma, cansada de ter sonhos, cansada de não ter sonhos suficientes, cansada de faltar energia pra tirar as ideias do papel, ou de ter ideias mirabolantes demais, cansada de ver como o mercado de trabalho é escroto, cansada do governo, cansada de me sentir desvalorizada, cansada de ficar parada vendo o caos que o mundo é.

Parte III

Tanta coisa aconteceu nesse um ano. Na política, no pensamento das pessoas, na faculdade, no audiovisual. E quando passar esse "entre fases", o que vai ser? Os objetivos que tinha quando comecei a faculdade já não são mais tão

nítidos. Se tudo pode mudar do dia pra noite, não sei até que ponto faz sentido tentar projetar como vai ser minha vida. A história é cíclica, então a gente não vai melhorar? Vai melhorar, mas aí vai piorar de novo?

Até quando vou poder ficar em dúvida sobre o que me faz feliz e no que eu devia investir a minha vida?

Tudo acontece rápido demais e não dá tempo de processar. Sei lá, talvez seja algo geracional, é tanta informação, pra cada coisa tem umas mil e uma opções. A gente deu um jeito de deixar todo e qualquer processo mais rápido. As pessoas foram se isolando, presas nos seus universos particulares. Sinto que o mundo é um vulcão em erupção, mas a gente só consegue ver a fumaça.

Eu não me formei em 2020.

Mas isso importa?

13.2. Narrativa Visual

INTRODUÇÃO

Dara deitada no chão, olhando fixamente para o lado. Iluminação dramática.

Cartela do título

PARTE I

É sábado e Dara está passando o café no filtro, jogando a água devagar e olhando para ela descer. Começa a virar mais água, apressando o processo.

Dara vira bruscamente para pegar um pão, corta em dois e passa margarina. Nem senta para comer. Toma alguns goles seguidos do café. Movimenta o pé, inquieta, durante o café da manhã.

Dara fotografando relógios em um estúdio. Nota-se que ela faz tudo no piloto automático.

Arruma os equipamentos fotográficos para ir embora. De tarde, chega no prédio e aperta o botão para chamar o elevador (**vídeo**) Dentro do elevador, coloca

headphone, enquanto a porta está se fechando ela fecha os olhos e joga a cabeça levemente para trás **(foto)**

Caminhando por um corredor e imagens sobrepostas da rua, pessoas passando, carros, a paisagem etc. Muitos sons de rua, abafados.

Dara toma banho (planos poéticos). Coloca algumas roupas na máquina de lavar, liga e fica olhando a roupa bater. Encosta na parede da lavanderia. A roupa acaba de bater e ela pega algumas calcinhas e meias para estender.

Dara sentada perto da janela, comendo e olhando para a rua. Está calor e o ventilador ligado para de funcionar (faz um barulho estranho), ela não percebe, continua comendo.

Ela sai da janela mas a câmera continua enquadrando lá, ela esqueceu seu celular e ele apita com uma notificação. Ela então volta e checa essa notificação, e então mostramos que alguém enviou pra ela um anúncio de concurso de fotografia. Ela esboça um leve sorriso e sai de quadro.

PARTE II

É domingo de manhã, Dara está mais animada por causa do concurso. Levanta e abre a cortina do quarto, vemos a luz entrando no ambiente. Enquanto pensa em mil ideias para tirar A FOTO, ela vai para a cozinha, pega o café requintado e esquenta no fogão, não pega nada para comer.

Toma café sentada no chão da sala, encostada no sofá, enquanto se lembra da história da velhinha, procurando no seu passado alguma inspiração para criar sua foto. Ela mexe em seu notebook, folheia cadernos, livros, olha negativos de fotografia na luz, folheia álbuns antigos de fotografia. *O tema do concurso é “o Estado de ser” (tema definido para nosso uso pessoal)*

Começa a história da velhinha.

Dara deitada no chão com as pernas para cima, toma um pouco do café e coloca a xícara cada hora em um lugar diferente. Ela senta na mesinha de centro e

volta a ver fotos, fica mudando elas de sequência, recorta revistas, desenha rascunhos e escreve algumas coisas.

Fotos em *aspect ratio* diferente ou moldura de super 8 aparecem (podem ser alternadas com a descrição anterior). São fotos que Dara já tirou um dia e está lembrando para procurar inspiração. São fotos de praia, céu, pessoas se movimentando (com blur). Enquanto isso também vemos ela fazendo algumas ações manuais, como recortar pedaços de revistas, pegar algumas fotos e ficar mudando elas de sequência, desenhando alguns rascunhos, escrevendo etc.

Corta para uma dupla exposição de Dara deitada no chão e prédios, luzes da cidade (dando continuidade às fotos, como se o pensamento dela estivesse viajando).

Acaba a história da velhinha.

Dara senta no chão e já é fim de tarde. Levanta se arrastando e vai pegar algo fácil na cozinha. Senta para comer na cozinha, come devagar, leva o prato até a pia e volta para a sala. A louça se acumula com o passar dos dias.

Começa a história do crush.

Deitada no sofá, encarando o teto, Dara volta para a fuga da realidade. Fotos em outro *aspect ratio* aparecem na tela, PDs dela de mãos dadas com pessoas com quem ela já teve algum relacionamento, homens e mulheres. PDs de partes do corpo dela e das pessoas

(referência: <https://www.instagram.com/tv/CBi7coXICET/?igshid=1eyr66sozpw6>)

Planos vazios nessa parte da narrativa.

Corta para Dara, já em outro lugar da sala. Já é de noite, ela está na janela fumando (stopmotion truncado), entra um plano subjetivo das luzes da cidade (foca, desfoca, foca, desfoca).

Acaba a história do crush.

Aqui tem que ter uma “suspensão” da narrativa, porque o trecho da narrativa em texto que vem logo depois é bem concreto e sobre política, social, etc. Vamos parar de narrar e construir o momento dela buscando uma foto de si para o concurso, que vai se revelar insuficiente quando entrar a parte concreta, levando ela pra mais uma jornada de busca por inspiração.

Dara retorna à realidade novamente. Ela sai da janela como se tivesse tido uma ideia e vai para o quarto. Ela se arruma com uma maquiagem diferente, para tirar fotos dela mesma, na sua busca interna. **(inserir música no estilo de Björk ou Cigarettes after sex)**

Enquanto toca música, o poema é narrado.

Discorro sobre o que eu quero
E sobre o que eu queria querer
O quero e o não quero
Pesam igual ao meu ver

Fotos em *aspect ratio* diferente ou moldura super 8, de partes do corpo de Dara (com tecidos translúcidos e outros itens). PDs do seu rosto maquiado (referências na decupagem e proposta estética). Algumas fotos dela com blur e movimento, fotos de sombras dela. Aqui a gente pode até mesclar com videozinhos curtos.

Volta a narrativa “vir para faculdade”. Aqui o momento criatividade acabou junto com a noite, e de manhã volta o aspecto concreto e prático.

É segunda de manhã, e ela volta para a rotina. Abre o olho bem devagar, cobre o rosto com a coberta e fica um tempo. Levanta lentamente, vai ao banheiro, vai pegar o papel higiênico e não tem nada, só o rolo. Lava o rosto na pia, se olha no espelho por um tempo.

Vai para cozinha preparar café da manhã, pega leite e ovos na geladeira. Faz tudo no automático. Ao abrir o leite espirra tudo. E enquanto isso os ovos queimam na frigideira. Ela se vê muito atrasada e sai sem comer mesmo. Acumulando mais louça. Pega sua mochila de equipamentos e sai.

Dara no carro, olhando pela janela. Chega no estúdio e começa a fotografar. Volta pra casa, sai do elevador para entrar em casa.

Ao chegar em casa vai direto para o computador fazer algumas pesquisas. Começamos com os planos de projetor mostrando algumas de suas inspirações. Alguns planos da luz de lado/contorno do projetor dela. Aqui a ideia é colocar realizadoras mulheres. Inserir vídeos de Dara filmando e fotografando.

Fade out para o black.

Plano bem fechado em seus olhos se abrindo. Ela acorda e seguimos mais um dia monótono dela. Ela chega em casa e folheia algumas fotos que ficaram jogadas na sala, tenta produzir algo mas desiste e vai dormir.

Plano dela deitada e mexendo inquieta, até que apaga a luz da luminária.

Enquanto isso, o poema é narrado.

Tem dias que quero dormir e não acordar
Mas na maior parte dos dias eu só não quero dormir

Começa a parte do portfólio

Dara acorda de manhãzinha e mais animada, coloca uma música para tocar. Limpa a casa que estava muito bagunçada. Passa o dia fazendo coisas que gosta e não estava fazendo há um tempo. Como pintura, escrever poemas, tocar violão, desenhar, dançar (pensar mais coisas) e desenvolve um mural de inspirações visuais. Mostrar planos dela colando essas coisas no mural.

No fim da tarde ela sai para fazer exercícios físicos no pátio do prédio, com roupas largas de fazer exercício em casa. Coloca seu headphone e faz alguns

alongamentos. Corre pelo pátio viajando na música e nos seus pensamentos. Enfim, nota a beleza do céu do entardecer e para para admirá-lo.

Ela volta para casa, andando animada, para de repente (esqueceu de editar umas fotos de relógio) abre o computador e começa a editar, devagar.

É noite, Dara toma um banho demorado.

Acende incensos e faz alguns autocuidados na pele e no corpo.

Enquanto isso, o poema é narrado.

Se eu soubesse o fim
Podia ir logo pro começo
Quando eu estiver no fim
Vou lembrar desse tropeço?

Dara vai para a sala, olha para seu mural e passa a mão sobre algumas fotos, algumas delas são mostradas mais de perto, há poeminhas escritas no mural também, ela fecha os olhos. Inserir dupla exposição, a definir.

Dara atrás das cortinas, lendo, sentada na ponta da cama.

Enquanto isso, o poema é narrado.

Estou com aquele gosto na boca
De sonhar que estou mascando chiclete
E sempre que jogo fora, ele volta
O retrogosto de algo que já foi bom

Dara retorna à realidade. Tinha algumas contas para pagar que esqueceu, vai para o computador, pega as contas e paga. Fica um tempão alternando entre computador e celular.

Dara está encostada na cadeira, mexendo no computador e celular. De repente, desencosta, vidrada na tela do computador, coloca o rosto mais perto da tela, fica encarando por um tempo. Ela começa a procurar algo obsessivamente

pela casa, revirando caixas e gavetas. Inserir dupla exposições de imagens sócio-políticas, protestos, etc.

PARTE III

Dara procura sua câmera na sala, risca algumas partes do mural com caneta vermelha, rasga algumas fotos.

Dara começa a produzir a foto, de fato. Penso em uma montagem toda picotada, dela fazendo coisas aleatórias que deem a ideia de que ela está criando a foto.

Ela pega alguns livros, HQs, vê notícias e deita no chão. Ela anda por algum lugar com sua câmera e tem dupla exposição de várias coisas externas. Aparecem vídeos da rua, com bastante blur e fotos também com blur. (alternar coisas internas dela e externas na montagem).

Planos dela no ato de fotografar, como por exemplo, trocando de lente, colocando filtros, pegando bateria que estava carregando, procurando diferentes ângulos, mexendo com equipamentos de luz etc.

Depois do dia cansativo de produção, Dara se joga em sua cama, com um ar de mistura de satisfação e cansaço.

Dara está sentada na sala tomando seu café devagar e tranquila, com o olhar congelado. O interfone toca e ela vai receber a entrega da foto.

Dara está segurando a foto para o concurso impressa em suas mãos, não vemos a foto. Ela coloca como peça final do mural, acompanhamos o movimento dela colocando no mural e se afastando da foto, mas continuamos sem ver a foto. Plano enquadrando somente Dara, esboçando sua reação positiva ao ver a foto que realizou e sente como todo o processo a mudou.

14. Filmografia

200000 FANTÔMES. Jean-Gabriel Périot. França, 2007. 10min.

ALGUM RITMO (videoclipe). Gilsons e Jovem Dionisio. Felipe Fonseca. Brasil, 2021. 5min21s.

AMORES EXPRESSOS. Wong Kar-Wai. Hong Kong, 1994. 98min.

AS PRAIAS DE AGNÈS. Agnès Varda. França, 2008. 112min.

AT LAND. Maya Deren. Estados Unidos, 1944. 15min.

BOYHOOD: DA INFÂNCIA À JUVENTUDE. Richard Linklater. Estados Unidos, 2014. 165min.

DISFARÇO (videoclipe). Jenni Mosello. Hideki. Brasil, 2021. 2min45s.

ENCONTROS E DESENCONTROS. Sofia Coppola, Estados Unidos e Japão, 2003. 101min.

EU PRECISO TE VER NO FUNDO DOS MEUS OLHOS. Letícia Gomes. Brasil, 2019. 17min.

GUAXUMA. Nara Normande. Brasil, 2018. 15min.

HAPPY TOGETHER. Wong Kar-Wai. Hong Kong, 1997. 99min.

IN BETWEEN (videoclipe). Donna Blue. Holanda, 2020. 4min21s.

IN THE MOOD FOR LOVE. Wong Kar-Wai. Hong Kong, 2000. 99min.

LA JETÉE. Chris Marker. França, 1962. 29min.

LADY BIRD. Greta Gerwig. Estados Unidos, 2017. 93min.

MIU MIU WOMEN'S TALES #5: THE DOOR. Ava DuVernay. Estados Unidos, Itália, 2013. 9min20s

MIU MIU WOMEN'S TALES #12: THAT ONE DAY. Crystal Moselle. Estados Unidos, 2016. 12min55s.

MIU MIU WOMEN'S TALES #15: HELLO APARTMENT. Dakota Fanning. Estados Unidos, 2018. 10min52s.

MIU MIU WOMEN'S TALES #18: BRIGITTE. Lynne Ramsay. Itália, Reino Unido, 2019. 30min.

MIU MIU WOMEN'S TALES #20: IN MY ROOM. Mati Diop. França, Itália, 2020. 19min59s.

MONIKA E O DESEJO. Ingmar Bergman. Suécia, 1953. 96min.

O FABULOSO DESTINO DE AMÉLIE POULAIN. Jean-Pierre Jeunet. França, 2002. 129min.

OLMO E A GAIVOTA. Lea Glob, Petra Costa. Dinamarca, Brasil, Portugal, França, Suécia, 2014. 87min.

QUEEN & SLIM. Melina Matsoukas. Estados Unidos, 2019. 133min.

REBU. A Egolombra de uma Sapatão Quase Arrependida. Mayara Santana. Pernambuco, 2019. 21min.

RÉPONSE DE FEMMES: NOTRE CORPS, NOTRE SEXE. Agnès Varda. França, 1975. 8min.

RETRATO DE UMA JOVEM EM CHAMAS. Céline Sciamma, França, 2019. 120min.

SHIVA BABY. Emma Seligman. Estados Unidos, 2020. 77min.

ULYSSE. Agnès Varda. França, 1982. 22min.

UMA CANTA, A OUTRA NÃO. Agnès Varda. Bélgica, França e Venezuela, 1977. 120min.

VINIL VERDE. Kleber Mendonça Filho. Brasil, 2004. 17min.

WATCHTOWER OF TURKEY. Leonardo Dalessandri, Turquia, 2014. 3min32s.

15. Bibliografia

BELLATONI, Patti. **If It's Purple, Someone's Gonna Die**. The Power of Color in Visual Storytelling. Routledge, 2013.

GODOY, João. **O Método De Trabalho Do Som Direto**: Manual Para Captação De Som Direto Em Produções Audiovisuais. Salto: Mnemocine Editorial, 2014.

Disponível em:
<www.mnemocine.com.br/index.php/downloads/doc_download/57-o-metodo-de-trabalho-do-som-direto> Acesso em: 15/06/2021

HAMBURGER, Vera. **Arte em cena**. A direção de arte no cinema brasileiro. Editora Senac São Paulo; Edições Sesc São Paulo, 2014.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores**: Como as cores afetam a emoção e a razão. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012.

LEVIN, Tatiana. **A “cinescrita” de Agnès Varda: a subjetividade incorporada ao campo do documentário**. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/1149/1/Tatiana%20Levin%20Lopes%20da%20Silva.pdf>> Acesso em: 10/03/2021.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Editora Brasiliense. 2009.

MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia**. Editora Summus Editorial, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5.ed. São Paulo: Papirus Editora, 2010.

OPOLSKI, Débora Regina. A Edição de Som em Filmes: do retrato à concepção sonora. **Análise do design sonoro no longa-metragem Ensaio Sobre a Cegueira**. 120 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Música. Curitiba, 2009. p. 17 - 48. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUK Ewimg4a15J30AhXzqZUCHYLyDtAQFnoECAUQAQ&url=https%3A%2F%2Facervo.digital.ufpr.br%2Fbitstream%2F1884%2F19870%2F1%2FDissert_Debora%2520Opolski%2520completa.pdf&usq=AOvVaw2UP4FOAZXwixfeYQ_BuYTb> Acesso em: 15/06/2021

TEIXEIRA, Elinaldo. **Cinemas não narrativos**. 1.ed. Rio de Janeiro: Alameda casa editorial, 2012.

TUCKER, April. Post-Production Basics – What is an OMF or AAF, and Why Does it Matter?. **Soundgirls**, 2016. Disponível em: <<http://soundgirls.org/post-production-basics-what-is-an-omf-or-aaf-and-why-does-it-matter/>>. Acesso em: 01/11/2021

TUCKER, April. Post-Production Basics Part 2. **Soundgirls**, 2016. Disponível em: <<http://soundgirls.org/post-production-basics-part-2/>>. Acesso em: 01/11/2021

WISNIK, Guilherme. **Dentro do nevoeiro**. Ubu Editora. Brasil, 2018.

YAKHNI, Sarah. **Cinensaios de Varda: o documentário como escrita para além de si**. 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284443/1/Yakhni_Sarah_D.pdf> Acesso em 22/03/2021.

16. Anexos

ANAMÓRFICA

Escrito por:
Beatriz Ximenez

História por:
Beatriz Ximenez
Gabrielly Pascoal
Marina Deliperi
Milena Tinen
Thais Siqueira

1 INT. ESPAÇO INDEFINIDO

1

Em um plano preto, um voice over começa a falar. O filme todo será guiado por essa voz, que dará o tom da história.

DARA

Às vezes sinto que tô naquela tela de "carregando" do videogame...

Dara (20 e poucos) está deitada olhando fixamente para o lado.

DARA

...e que a minha vida de verdade ainda não começou.

ANAMÓRFICA

2 INT. COZINHA DIA

2

Dara está passando o café no filtro.

DARA

Era pra eu me formar em 2020...

Jogando a água devagar e olhando ela descer.

DARA

Indecisa desde sempre, eu nem sabia qual curso queria fazer.

Começa a virar mais água, apressando o processo.

DARA

Com 18 anos, caí de paraquedas numa aula da faculdade.

Dara vira bruscamente para pegar um pão, corta em dois e passa margarina. Come de pé. Toma alguns goles seguidos do café. Movimenta o pé, inquieta.

DARA

De repente, todos os professores estavam perguntando "por que você decidiu fazer cinema?".

3 INT. ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA DIA 3

Dara fotografa em um estúdio. Seu olhar é distante e seus movimentos mecânicos.

DARA

Eu gostava de fotografar. Quer dizer, eu ainda gosto de fotografar, mas não tanto quanto gostava no final de 2016.

Ela arruma os equipamentos fotográficos em sua mochila para ir embora.

DARA

Eu fazia acrobacias pra tirar fotos sem que as pessoas percebessem.

4 INT. CORREDOR/ELEVADOR DIA 4

No corredor do prédio, Dara aperta o botão para chamar o elevador **(vídeo)**

DARA

Queria eternizar coisas banais exatamente como elas aconteciam.

Dentro do elevador, ela coloca seu headphone. Enquanto a porta está fechando, ela fecha os olhos e joga a cabeça levemente para trás **(foto)**

DARA

Não saber como fazer me dava liberdade pra poder experimentar. Antes não existia errado, não tinha feio, nem bonito.

5 INT. CORREDOR/ENTRADA DO APARTAMENTO DIA 5

Dara caminha pelo corredor. Imagens sobrepostas da rua, pessoas passando, carros, paisagens urbanas. Muitos sons de rua, abafados.

DARA

Qualquer resultado era uma conquista, simplesmente por eu ter encontrado um jeito de fazer o que antes tava só na minha cabeça.

Agora não, as coisas tem um nome, quem criou e um jeito certo de fazer.

Dara abre a porta do apartamento.

6 INT. BANHEIRO DIA

6

Dara toma banho.

DARA

É engraçado isso... os motivos que me fizeram escolher cursar Imagem e Som e vir para São Carlos são os mesmos que me afastaram do audiovisual.

No prédio do curso, tinha uma pichação: "vim, fracassei, virão outros". A primeira vez que li essa frase pensei "nossa, que pessimista".

7 INT. KITNET DE DARA NOITE

7

Dara está sentada perto da janela panorâmica de seu apartamento, ela come enquanto olha para a rua. Um som ambiente com uma música ao fundo preenchem o campo sonoro.

O ventilador ligado para de funcionar (faz um barulho estranho), ela não percebe, continua comendo.

O celular vibra com uma nova mensagem:
"Oiii! Amiga, você quer me ajudar num projeto de foto?"

Dara começa a digitar.

8 INT. KITNET DE DARA DIA

8

Dara abre os olhos. A luz é filtrada pela cortina, mas é possível perceber que é dia.

DARA

Nunca tive medo de coisas novas.

Levanta-se e abre a cortina do quarto, vemos a luz entrando no ambiente.

DARA

Tudo que eu ouvia de quem também tinha mudado de cidade para estudar, era que tinham chorado horrores nos primeiros dias.

9 INT. COZINHA DA KITNET DIA 9

Dara entra na cozinha, pega o café frio e esquenta no fogão. Olha para o pão, mas desvia o olhar.

DARA

Eu pensava "será que tem alguma coisa errada comigo?". A verdade é que quando sai de casa me senti assumindo o controle da minha vida pela primeira vez.

10 INT. KITNET DE DARA DIA 10

Toma café sentada no chão da sala, encostada no sofá, olhando para a parede.

DARA

Quando eu passei, meus pais foram comigo e a gente ficou procurando um lugar para morar.

Ela mexe em seu notebook e celular, folheia cadernos, livros...

DARA

Encontramos um beem ruinzinho, que na época de alguma forma parecia bom. E eu realmente não sei como achamos aquele lugar bom.

Olha negativos de fotografia na luz, folheia álbuns antigos de fotografia.

DARA

Então eles foram embora e eu entrei em um leve desespero e fiquei chorando sozinha no quarto.

Dara deitada no chão com as pernas para cima, toma um pouco do café e coloca a xícara cada hora em um lugar diferente.

DARA

Na casa, morava uma velhinha bem velhinha e uma velhinha que era filha da velhinha bem velhinha.

Ela senta na mesinha de centro e volta a ver fotos.

DARA

A filha da velhinha foi falar comigo

para me consolar, e disse que fazia medicina alternativa e podia fazer acupuntura na minha orelha para eu relaxar.

Ela fez, doeu pra caralho.

Fica mudando as fotos de sequência, recorta revistas e escreve algumas coisas em papéis espalhados à sua volta.

DARA

Então ela disse pra eu ficar lá deitada que eu ia me sentir melhor. E de repente eu comecei a me sentir muito mal e fui no banheiro, minha pressão caiu, tudo começou a ficar muito distante e eu já comecei a pensar "ah pronto, me drogaram e vão vender meus órgãos".

Dara está deitada no chão olhando para o teto. Há uma dupla exposição de Dara e prédios, luzes da cidade pela janela (dando continuidade às fotos, como se o pensamento dela estivesse viajando).

DARA

Aí desmaiei.

Acordei com a velhinha filha me segurando. Não sei direito porque contei essa história.

11 INT. LAVANDERIA DIA

11

Dara coloca algumas roupas na máquina de lavar, liga e fica olhando a roupa bater.

DARA

Apesar de todos os medos que carrego comigo, medo de fazer escolhas erradas, medo de ter desperdiçado anos em uma área desvalorizada, medo de não conseguir me sustentar, ainda acho que vir pra cá ajudou a me conhecer melhor.

Encosta na parede da lavanderia.

DARA

Eu ainda to tentando encontrar o meu lugar dentro do curso mas, eu pude

optar por fazer ele, um curso de artes. Eu pude entrar em uma Federal, ir morar em outra cidade.

A roupa acabou de bater e ela pega algumas calcinhas e meias para estender.

12 INT. KITNET DE DARA FIM DE TARDE

12

Deitada no tapete, Dara encara o teto.

Foi aqui que me apaixonei de verdade pela primeira vez.

PDS de seu corpo com câmera instável.

DARA

Logo na calourada eu conheci a pessoa com quem eu tô hoje. Foi meu primeiro crush da faculdade, mas demorou anos até que rolasse algo entre nós.

Em rápida sucessão, fotos de Dara de mãos dadas com pessoas com quem ela já teve algum relacionamento, homens e mulheres.

DARA

Teve um outro namoro, um término bagunçado, choro, várias Festas e um pouco de drama. Mas enfim, em uma festa em 2019 eu encontrei o meu crush. A gente ficou por horas. Me senti muito confortável.

PDS de partes do corpo dela e das pessoas (fotos).

DARA

Parecia que encaixava. Encaixou. Eu caí muito de cabeça, sem pensar em consequências nem nada, só fui.

13 INT. KITNET DE DARA NOITE

13

Dara está fumando na janela.

DARA

É estranho ver que dessa história saiu um relacionamento de quase três anos, um apartamento que alugamos juntos, e mais de 30 plantas. Não entrei no curso esperando uma história de amor.

Dara está fumando encostada na parede.

Discorro sobre o que eu quero
E sobre o que queria querer
O quero e o não quero
Pesam igual ao meu ver

Desencosta de repente e senta no chão na frente do espelho.

Ela se arruma com uma maquiagem diferente.

14 INT. KITNET DE DARA DIA

14

Dara abre o olho bem devagar, cobre o rosto com a coberta e fica um tempo.

DARA

To achando muito difícil assistir alguns filmes e séries... É cansativo ver que o cinema é feito de tantos homens "gênios" que já assediaram tantas atrizes

Levantando lentamente, Dara vai ao banheiro.

DARA

Me faz pensar na validade de certos produtos audiovisuais.

15 INT. BANHEIRO DIA

15

Dara está sentada no vaso. Vai pegar o papel higiênico e não tem nada, só o rolo.

DARA

Me sinto desconfortável quando me perguntam "como é fazer parte de uma equipe só de mulheres?" ou "falem de como é ser mulher no mercado audiovisual".

Lava o rosto na pia, se olha no espelho por um tempo.

DARA

Só quero fazer meus projetos como se fosse normal, sabe? Quero falar de outras coisas.

16 INT. COZINHA DA KITNET DIA

16

Na cozinha, ela pega leite e ovos na geladeira.

DARA

O que faz um homem heterossexual
querer fazer um filme sobre um casal
de mulheres, por exemplo?

Quando abre o leite, espirra tudo. Enquanto isso os ovos
queimam na frigideira.

DARA

Porque Azul é a Cor Mais Quente é tão
conhecido? E como foi que Green Book
que ganhou o Oscar de melhor filme?

Olha para tudo e sai sem comer mesmo. Acumulando mais louça.
Pega sua mochila de equipamentos e sai.

17 EXT. UBER

17

Dara no carro, Dara olha pela janela.

DARA

Eu sei como é a sensação de não ter
espaço pra contar a própria história e
sei lá...

18 INT. ESTÚDIO DE FOTOGRAFIA DIA

18

Chega no estúdio e começa a fotografar canecas.

DARA

Às vezes acho que faço pouco pra mudar
isso de verdade. No fundo não sei se
tô tão longe assim do "eu não sou
racista, meu melhor amigo é negro".

19 INT. KITNET DE DARA NOITE

19

Dentro de casa, vai para o computador. Utiliza um projetor
para ver suas inspirações.

DARA

Quando você para pra pensar no que
constitui a nossa sociedade como ela
é, percebe que tudo é simplesmente
bizarro. Mas eu também não quero falar
disso.

Dara com os olhos fechados, projeções passam por seu rosto.

DARA

Na verdade, tem muita coisa que eu não

quero falar sobre. Mas penso.

20 INT. KITNET DE DARA DIA/NOITE 20

Dara abre os olhos devagar, se levanta e troca de roupa. Passagem de tempo. Dara vai dormir e apaga a luz da luminária.

DARA

Tem dias que quero dormir e não acordar
Mas na maior parte dos dias eu só não quero dormir

21 INT. KITNET DE DARA DIA 21

É manhã, Dara coloca uma música para tocar. Pega a vassoura e começa a varrer.

DARA

Um tempo atrás fui arrumar meu portfólio, adiantando a procura por emprego, e percebi que eu não sei com o que quero seguir.

Em uma montagem rápida, Dara faz várias atividades: pinta, escreve, toca violão, desenha, dança, e adiciona coisas ao mural do quarto.

DARA

É como um estabelecimento aqui perto de casa que é ao mesmo tempo restaurante e escola de arte marcial, que todo mundo fala que não deve ser bom, bom mesmo é aquele lugar que é só escola de arte marcial ou só restaurante.

22 EXT. PÁTIO FIM DE TARDE 22

Dara está no pátio do prédio com roupas de fazer exercícios. Coloca seu headphone e se alonga.

DARA

Eu queria alguma coisa com edição de vídeos, porque era a única coisa que eu sentia que fazia bem...

Corre pelo pátio olhando para frente, concentrada em algo.

DARA

Sinto como se eu tivesse em uma competição o tempo todo para ver quem tem o currículo maior, quem tem mais experiência. É importante ter um foco e se destacar em alguma área, mas também é bom diversificar e saber diferentes assuntos.
No mercado de trabalho procuram contratar pessoas que já sejam boas no que fazem, mas como ficar bom em alguma coisa sem já ter trabalhado com aquilo por algum tempo?

Para para admirar a beleza do céu do entardecer.

DARA

Acabei como estagiária de design gráfico, social media e assistente de marketing numa concessionária.

23 INT. KITNET DE DARA FIM DE TARDE

23

Dara entra em casa dançando ao som de seu headphone. Quando olha para o computador, o sorriso desaparece. Ela senta na escrivaninha e abre no Photoshop a foto de um relógio. Vagarosamente começa a editar.

DARA

Por 40 horas semanais eu me dedico a um trabalho que eu não me importo nem um pouco. 8 horas diárias para no final do mês eu consiga pagar minhas contas e guardar 300 reais pro meu futuro. 480 minutos por dia que sinto que tô no lugar errado, 28.800 segundos de puro desconforto.

24 INT. BANHEIRO FIM DE TARDE

24

Dara toma banho.

DARA

Tenho tantos sonhos e desejos, tenho medo de alcançar eles e não sentir absolutamente nada.

25 INT. KITNET DE DARA FIM DE TARDE

25

Na frente do espelho, Dara acende incensos e passa cremes na pele e no corpo.

DARA

Se eu soubesse o fim
Podia ir logo pro começo
Quando eu estiver no fim
Vou lembrar desse tropeço?

Ainda na sala, Dara olha para seu mural e passa a mão sobre algumas fotos.

DARA

O momento de dar um salto no
desconhecido se aproxima, consigo
sentir.

Algumas delas são mostradas mais de perto, há poeminhas escritos no mural também.

DARA

No começo de 2020 eu tinha muita
esperança... uma alegria e um
entusiasmo por tudo que eu ia viver
nesse ano. Eu tinha acabado de comprar
uma câmera, que era meu sonho há muito
tempo, e foi com um dinheiro que
demorei para juntar. Eu só conseguia
pensar nesse TCC. Pensava em me formar
e no que eu faria depois. Achava que
no fim do ano eu ia pegar um diploma,
e aí portas iam se abrir e eu
conseguiria emprego, porque afinal, eu
teria um diploma...

Dara fecha os olhos.

26 INT. KITNET DE DARA NOITE

26

Dara na janela, com a cortina esvoaçando atrás de si.

DARA

Estou com aquele gosto na boca
De sonhar que estou mascarando chiclete
E sempre que jogo fora, ele volta
O retrogosto de algo que já foi bom

Dara volta para o computador, pega contas em cima da mesa e paga. Fica um tempo alternando entre computador e celular.

DARA

Tenho me tornado uma pessoa mais
ansiosa e insegura. As notícias ficam
rolando na televisão. Na internet,

cada semana uma tragédia diferente
toma conta. Me pergunto se a frase na
fachada do prédio tava tão errada
assim.

De repente, Dara desencosta da cadeira, vidrada na tela do
computador, coloca o rosto mais perto da tela.

DARA

Tá tudo dando errado há muito tempo e
eu tô cansada.

Fica encarando por um tempo. Ela começa a procurar algo
obsessivamente pela casa, revirando caixas e gavetas.

DARA

Cansada de tentar tanto, de ver tanta
desgraça, cansada de não ter espaço
pra respirar fundo e me sentir eu
mesma, cansada de ter sonhos, cansada
de não ter sonhos suficientes, cansada
de faltar energia pra tirar as ideias
do papel, ou de ter ideias
mirabolantes demais, cansada de ver
como o mercado de trabalho é escroto,
cansada do governo, cansada de me
sentir desvalorizada, cansada de ficar
parada vendo o caos que o mundo é.

Dara acha sua câmera, risca alguma partes do mural com caneta
vermelha, rasga algumas fotos.

DARA

Tanta coisa aconteceu nesse ano. Na
política, no pensamento das pessoas,
na faculdade, no audiovisual.

Em outra montagem rápida, Dara pega alguns livros, HQs, vê
algumas coisas na TV, lê notícias e deita no chão. Ela anda
por algum lugar com sua câmera e tem dupla exposição de
várias coisas externas. Aparecem vídeos da rua, com bastante
blur e fotos também com blur.

DARA

E quando passar esse "entre fases",
como vai ser? Os objetivos que tinha
quando comecei a faculdade não são
mais tão nítidos. Se tudo pode mudar
do dia pra noite, não sei até que
ponto faz sentido projetar como será
minha vida. A história é cíclica,

então a gente não vai melhorar? Vai melhorar, mas aí vai piorar de novo?

Dara fotografa, troca de lente, coloca filtros, pega bateria que estava carregando, procura diferentes ângulos, mexe com equipamentos de luz, etc.

DARA

Até quando vou poder ficar em dúvida sobre o que me faz feliz e no que eu devia investir a minha vida?

Dara se joga na cama, fecha os olhos, com um ar de satisfação e cansaço.

DARA

Sei que não sou a única tendo que lidar com problemas. A vida acontece rápido demais e não dá tempo de processar. Sei lá, talvez seja algo geracional, é tanta informação que pra cada coisa tem mil e uma opções.

27 INT. KITNET DE DARA MANHÃ

27

Dara está sentada na sala tomando seu café no chão, devagar e tranquila, com o olhar fixo.

DARA

A gente deu um jeito de deixar todo e qualquer processo mais rápido. Temos as transferências bancárias imediatas e o cinema de 15 segundos na ponta dos dedos. As pessoas foram se isolando, presas em seus universos particulares.

28 INT. KITNET DE DARA TARDE

28

Dara está segurando uma foto impressa em suas mãos, não vemos a foto. Ela coloca como peça final do mural. Ao se afastar, vemos o mural, mas não a foto, ela está na frente.

DARA

Sinto que o mundo é um vulcão em erupção, mas a gente só consegue ver a fumaça.

29 BLACK TAKE

29

DARA

Eu não me formei em 2020.

Mas isso importa?